Diogo Filipe Afonso dos Santos Fonseca

Projecto “comunidArte”

Dinâmicas e interações sociais no espaço público

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa 2015

Diogo Filipe Afonso dos Santos Fonseca

Projecto “comunidArte”

Dinâmicas e interações sociais no espaço público

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 31/05/2016, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 451/2015 DE 2 de Dezembro, com a seguinte composição:
Presidente: Professor(a) Doutor(a) Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia [ULHT]
Arguente: Professor(a) Doutor(a) João Manuel Barbosa Meneses de Sequeira [ULHT]
Orientador(a): Professor(a) Doutor(a) Patricia Alexandra Dias Santos Pedrosa [ULHT]
Vogal: Professor(a) Doutor(a) André Ricardo de Brito Caiado [ULHT]

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa 2015

Índice

Resumo.....2

Abstract.....3

Introdução.....4

1. Espaço Público.....7

1.1. Caracterização e influência do espaço público no espaço urbano.....7

1.2. Arte Pública.....11

1.2.1. Contexto Histórico-Social e Motivações da Prática.....11

1.2.2. Conceito.....13

1.2.3. Espaço Privado/Espaço Público: Site-Specific.....16

1.2.4. Tipos de Arte Pública.....18

2. Projecto "comunidArte" 21

2.1. Análise prévia do sítio.....23

2.2. Processos a nível projectual e logísitico.....52

2.3. Projecto.....57

2.4. Fotografias do projecto "comunidArte".....89

2.5. Considerações finais.....94

Bibliografia.....99

Anexos.....101

Resumo

O tema que dá base ao projecto, está relacionado com a mutação do Intendente ao longo do tempo, através de interações diárias que pretendemos transmitir, conceptualmente, uma visão própria dos elementos que o largo do Intendente nos oferece diariamente mas que apenas são perceptíveis através deste novo espaço.

O projecto "comunidArte" propõe a criação de um espaço de interação social com os grupos de pessoas que têm como influência diária o largo do Intendente e que nele procuram (re)viver experiências que se enquadram na dinamização que o Intendente nos oferece diariamente.

O objectivo da intervenção relaciona-se com a procura de características que possam influenciar o dia-a-dia das pessoas através do conceito de triangulação referido por William H. Whyte. O método utilizado conjuga a intervenção projectual com o audiovisual, relativamente à intervenção tem como propósito constituir-se como o aspecto prático que estabelece a relação directa com as pessoas e que posteriormente se funde com o audiovisual com o intuito de responder aos aspectos teóricos.

Com esta estratégia pretende-se identificar qual é a influência do conceito de triangulação nos espaços públicos, inserindo uma vertente arquitectónica através da instalação e concluindo esta proposta com um vídeo que transmite uma perspectiva pessoal do percurso. Pretende-se que esta influência seja demonstrada e atinja o público em geral, desde moradores, trabalhadores, turistas e artistas.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura, Espaço Público, Arte Pública, "comunidArte", Lisboa – Largo do Intendente

Abstrat

The theme that underpins the project is related to the mutation of the Intendente over time, through daily interactions that are intended to convey conceptually its own vision of the elements that Intendentt offers us daily but which are only noticeable through this new space.

The project "comunidArte" proposes the creation of a social interaction space with groups of people whose daily influence this public space and try to (re)live experiences that are related with the stimulation that Intendente usually offer.

The goal of this intervention is related to the search for characteristics that may influence the day-to-day life through the concept of triangulation mentioned by William H. Whyte. The method combines project intervention with audiovisual, regarding the intervention aims to establish itself as the practical aspect of establishing a direct relationship with the people and later merges with the visual in order to respond to the theoretical aspects.

This strategy aims to identify what is the influence of the concept of triangulation in public areas, inserting an architectural perspective through an installation and concluding this proposal with a video that gives a personal perspective trough all the process . It is intended that this influence could be seen reaching the general public, from residents, workers, tourists to artists.

KEYWORDS: Architecture, Public Space, Public Art, “comunidArte”, Lisboa – Largo do Intendente

Introdução

O projecto “comunidArte” enquadra-se na Dissertação de Mestrado em Arquitectura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. A ideia do projecto surge aquando da intenção de observar as interações e as dinâmicas de um espaço público, com dimensões reduzidas, inserido na cidade, como são exemplo, os largos, as praças, entre outros espaços com carácter público.

A importância destes espaços públicos, como dinamizadores da cidade onde se inserem, revelaram-se desde sempre, um factor a ter em conta e que poderá trazer variadas valências, relacionadas por exemplo com a segurança e a qualidade de vida da cidade. O constante aparecimento deste espaços públicos enquanto se percorre uma cidade, estabelecem relações com variados grupos de pessoas e promovem interação social. Uma cidade que seja detentora destes espaços promove a deslocação de pessoas a estes, com o intuito de experienciar as várias actividades características.

Os espaços públicos incentivam as relações sociais e assumem um papel de destaque nas cidades enquanto catalisadores de domínios como a cultura, através de eventos e actividades que têm o intuito de integrar a comunidade.

Este projecto inclui-se neste âmbito e pretende criar/alterar dinâmicas num espaço público e, com curta duração de exposição, contribuir para/com a comunidade através de uma intervenção pública que permita perceber de que formas as ações no espaço público são importantes na valorização do espaço e na própria vida das pessoas.

A intervenção foi realizada no largo do Intendente, em Lisboa e pretendia participar no processo que ao longo dos últimos anos tem vindo a ser desenvolvido na zona do Intendente, que se relaciona com a reaproximação do sítio à cidade de Lisboa e se reafirmar como um espaço público que proporciona as experiências, que normalmente espaços como estes exigem.

A diversidade cultural adjacente à zona do Intendente estabelece-se como uma mais valia para o projecto, tendo em conta que este pretendia atingir o maior número de pessoas e culturas possível. Esta investigação divide-se em três pontos, que são

constituídos numa primeira fase pela caracterização e influência genérica dos espaços públicos em espaços urbanos, de seguida, a respectiva contextualização referente à Arte Pública, concluindo com a fase de intervenção, que dá nome ao projecto e no qual são analisadas as características e a contextualização histórica e espacial do largo do Intendente para posteriormente dar lugar à intervenção no espaço público.

Relativamente à primeira fase da investigação, relacionada com a influência que os espaços públicos assumem na cidade, é através de exemplos como Kevin Lynch, autor americano (1918-1984), que se exploram as relações que estes espaços partilham com as cidades, mais especificamente, através dos factores que o autor considera essenciais na organização de um espaço: a legibilidade, a estrutura, a identidade e a imaginabilidade. O autor americano William H. Whyte (1917-1999) surge também nesta fase como uma referência importante, não apenas na forma como descreve as experiências urbanas mas essencialmente a forma e o método de observação em *The Social Life Of Small Urban Spaces.*

Posteriormente, são investigados os factores que levaram ao surgimento da Arte Pública, desde o seu aparecimento em 1960 até ao presente. Vários acontecimentos foram marcando e definindo o conceito de Arte Pública, como o factor *Site-Specific,* que se assumiu como importante na definição do conceito. Tal como os vários tipos de Arte Pública que foram surgindo, demonstrando ecleticismo e tornando-se cada vez mais benéficos para as pessoas que vivem a cidade.

A investigação culmina na fase da intervenção através do projecto *comunidArte,* que propunha reunir os dados investigados anteriormente e aplicá-los na prática num espaço público com as características referidas. O projecto incluía, também, três fases: análise prévia do sítio, intervenção e análise posterior, esta última, transmitida através de uma visão pessoal que atravessa todo o projecto de forma a identificar os pontos positivos e negativos e responder às questões que o projecto propunha.

A forma de observação e posteriormente a intervenção consistem num método que envolve o vídeo e a observação *in loco* como auxílio à análise. O processo de vídeo tem o intuito de, numa primeira fase, observar dinâmicas sociais e posteriormente a realização de um filme que ofereça uma visão pessoal sobre todo o processo de investigação e da própria intervenção.

O projecto *comunidArte* tem como objectivo se integrar no conceito de Arte Pública, não definindo previamente um tipo mas, essencialmente desde a própria forma do objecto às actividades realizadas durante a intervenção, ir ao encontro da comunidade e percepcionar de que forma estes elementos efémeros alteram as interações sociais neste tipo de espaços públicos. Tendo em conta este objectivo, o objecto não contém uma história para ser contada a quem o visita, tenta, por outro lado, que sejam as pessoas a interagir e a criar uma história que possa ser contada sobre a intervenção.

1. Espaço Público

O espaço público veio sofrendo ao longo dos tempos variadas transformações que procuram dinamizar um determinado espaço mediante a necessidade de cada época mas principalmente com a tentativa constante de encontrar soluções que possibilitassem uma maior interligação entre este tipo de espaços e as pessoas que o vivenciam. Com a intenção de percepcionar as questões relacionadas com os espaços públicos investigámos autores conhecedores desta matéria, de forma a entender as características e a forma como estes influenciam o espaço urbano.

1.1. Caracterização e influência do espaço público no espaço urbano

A criação de espaços públicos vem ao encontro de solucionar problemas detectados nas cidades ao longo dos anos, surgindo assim com o objectivo de articular os vários espaços das cidades de forma a tentar evitar cenários relacionados com discriminação social, aspectos relacionados com a segurança entre outros factores, promovendo as interações sociais. O modelo utilizado em algumas cidades demonstra algumas fragilidades, algo que se pode constatar ao fim de alguns anos, dado que veio desencadear problemas que propunha resolver. Surgem neste contexto os factores relacionados com política e economia que se assumem como as maiores condicionantes de um normal funcionamento deste tipo de projectos. Estas condicionantes, sejam de carácter político-social ou da própria concepção do espaço, levaram à discussão de qual seria a melhor forma de melhorar as abordagens projectuais realizadas para este tipo de espaços (Regatão, 2007, pp. 15-22).

Um espaço público de qualidade afirma-se como tal também de acordo com a forma como os habitantes o vivenciam, ou seja, a utilização e a forma como estes estão dispostos a receber um espaço é uma condicionante importante neste processo. Neste contexto, insere-se a necessidade de a implementação de um espaço público estar directamente relacionada com as pessoas que o irão vivenciar com o intuito de não cometer o mesmo tipo de erros cometidos na projecção destes no passado.

O autor Kevin Lynch, nos anos 60, abordou aspectos relacionados com esta temática do espaço urbano através de uma análise que realizou ao longo de cinco anos em várias cidades dos Estados Unidos. Este estudo veio revelar-se

fundamental nos anos seguintes, alertando para as questões que deveriam ser levantadas no projecto de espaço urbano e algumas das metodologias que poderiam ser utilizadas, de forma a melhorar a qualidade dos mesmos (Lynch, 1982).

De acordo com o autor, deveriam ser tidos em conta quatro factores estruturantes na organização do espaço urbano, sendo estes: a legibilidade, a estrutura, a identidade e a imaginabilidade. Estes quatro pontos abordados por Kevin Lynch remetem-se à forma como as pessoas vivenciam a cidade, defendendo que as experiências proporcionadas por esta estão consequentemente relacionadas com factores temporais, na medida em que a cidade não se assume como um elemento estático e perceptível num primeiro instante, sendo pelo contrário, um elemento em constante mutação e que depende de vários géneros de relações e intervenções que se perpetuam ao longo dos tempos e que afectam directamente as próprias vivências. Estes factores ao influenciarem as cidades também possuem um papel determinante nas pessoas que as habitam, sendo estas um factor presente e influente nas cidades (Lynch, 1982, pp. 11-12).

Fazendo uma leitura mais minuciosa sobre os quatro factores estruturantes que o autor apresenta, este refere-se a legibilidade como o elemento alusivo à “imagem” que uma cidade transmite, mais especificamente, a forma como as imagens conseguem originar locais de referência às pessoas que a habitam. O papel influente que as imagens têm na memória das pessoas e lhes permite consequentemente identificar um local, afirma-se como um factor importante no estado emocional de um habitante pois permite clareza na orientação e que a pessoa se sinta em segurança. Relativamente à estrutura e identidade, o autor aponta para a forma como uma imagem ambiental se deve afirmar, fazendo alusão à importância da identificação e da relação dos objectos entre si e também com o observador. A estrutura é criada pela relação entre o objecto e o observador preservando a ideia de que essa relação poderá ser de carácter emocional ou prática. Relativamente à identidade relaciona-se com a capacidade de distinção entre objectos como elementos separados. O outro elemento referido por Kevin Lynch, a imaginabilidade, refere-se à capacidade que um objecto tem de remontar as pessoas a uma memória ou a uma imagem forte que estas tenham presente (Lynch, 1982, pp. 12-23).

Com o surgimento da necessidade de uma relação directa entre os espaços públicos e as pessoas, não somente Kevin Lynch contribui de uma forma inspiradora mas

denotava-se dentro desta temática um novo interesse por parte de várias personalidades com o intuito de procurar respostas que viessem resolver problemas que continuavam presentes nos meios urbanos. Concluía-se assim que se deveria explorar esta vivência por parte das pessoas nestes meios e daí retirar hábitos e necessidades para melhorar esses mesmo meios. Nesta óptica, William Whyte contribui para as gerações que lhe sucederam através de um estudo que veio ao encontro de perceber de que forma se sucediam as relações entre as pessoas e os espaços públicos.

O autor aborda esta temática através de estatísticas que foi reunindo ao longo dos anos servindo-se da sua observação constante, que veio originar mais tarde a publicação de um livro e um documentário que ainda hoje são tidos como exemplo a ter em conta na elaboração de planos urbanos. Whyte focalizou-se na forma como as pessoas vivem estes espaços públicos na cidade, neste caso as praças, dando várias perspectivas das pessoas, ou seja, abrangendo um grande número de comportamentos possíveis, fazendo posteriormente uma análise estatística do comportamento que vai retratando ao longo da sua análise. Esta técnica veio permitir uma maior versatilidade na concepção dos espaços, ressalvando as vicissitudes do carácter humano como gerador de espaços (Whyte, 1980, pp. 16-24).

Um aspecto importante é a forma como as pessoas se apropriam do espaço, na medida em que, apesar de um espaço público ser projectado com uma certa finalidade, o uso dado pelas pessoas poderá vir contrariar o seu propósito inicial. Isto origina uma grande complexidade de concepção, tendo em conta que são as pessoas que determinam o uso de um local ou objecto. Existem vários factores que podem contribuir para um melhoramento desta relação entre as pessoas e o espaço público, nos quais se incluem a conexão ou a ligação com as ruas adjacentes com o propósito de transmitir segurança às pessoas, tal como defendia Kevin Lynch, e também acaba por ser um método de transportar as pessoas a um local de excepção da malha urbana (Whyte, 1980, pp. 24-40).

No seguimento desta aproximação às pessoas, existem elementos como o sol e a água que se exprimem com uma determinada importância, pois determinam se um espaço público poderá ser ou não agradável dependendo da forma como foi pensado mediante estes factores (Whyte, 1980, pp. 40-50).

Neste contexto, surge um factor essencial nestes espaços que também é ressalvado por William Whyte e que vem ao encontro do tema principal deste

capítulo, a arte pública, que este define como a “triangulação”, ou seja, as características ou os acontecimentos que provocam uma união das pessoas à volta destes espaços, nos quais se incluem pequenas obras ou expressões artísticas que nos levam a desmistificar a relação que as pessoas estabelecem com estes elementos e o porquê da sua importância (Whyte, 1980, pp. 94-102).

A evolução do espaço público veio possibilitar o aparecimento de outro tipo de práticas como a arte pública e consequentemente foram-se reforçando os elementos que possibilitaram aproximar as pessoas e torná-las parte integrante de todo o espaço urbano. Desta forma, esta contribuição acrescentou consequentemente melhorias visíveis nas cidades, fazendo com que estas se pudessem criar num lugar de recolha e oferta de vivências.

1.2. Arte Pública

A Arte Pública surge mediante uma necessidade dos artistas e autores de transportar a arte para o exterior de instituições como museus e galerias, de forma a criar um novo paradigma que não assentasse em condicionantes relacionadas com meios políticos ou financeiros. Serviu como que uma libertação dos artistas que sentiam a necessidade de independência nas suas obras e consequentemente com isto alcançar um público mais abrangente e não um público selectivo que estava mais relacionado com as instituições que serviam de meio de exposição.

1.2.1. Contexto Histórico-Social e Motivações da Prática

A designação de "arte pública" surge há aproximadamente 50 anos atrás, no ano de 1960, onde se inseriam manifestações de arte que tinham lugar em espaços que até à data não tinham sido utilizados para este tipo de prática. Estes espaços estavam relacionados com tudo o que envolvia a exterioridade aonde eram feitas as exposições artísticas previamente a este acontecimento, ou seja, galerias, museus, estúdios. O facto de a arte sair para as ruas, parques, praças, não lhe deu um carácter mais valioso no que diz respeito à obra na sua plenitude, no entanto, foi possível constatar uma nova vivência da obra, passando esta a ter uma relação mais directa com o local onde se inseria e possibilitou uma maior visibilidade para com as pessoas, pois apesar de um museu se tratar de um espaço direcionado para o público, existe uma filtragem que não é perceptível num espaço público. Estas condicionantes em torno da arte pública denotam-se não apenas no tipo de público mas também com a possibilidade da obra enfrentar aspectos relacionados com a instituição que serve de mediador da obra, enquanto que ao invés, num espaço público, livre de ser intervencionado, não existem as mesmas limitações (Harding, 1997).

No seguimento destas primeiras intervenções de arte pública foram levantadas questões que tinham a ver com a escala e a relação das obras para com os locais onde se inseriam. Mais especificamente, nas primeiras exposições que foram feitas em espaço público, como foi o caso do Reino Unido, ao organizar exposições de obras em jardins e parques no ano de 1951. Estas primeiras exposições foram

realizadas com obras que tinham sido outrora direccionadas para espaços com outro carácter, como museus e galerias de arte, factor que veio criar uma discrepância de escala entre objecto e local. Surgia então a necessidade de relacionar as obras com o local onde estas se inseriam, com o intuito de atravessar vários aspectos, como a escala, as relações sociais com o sítio, a influência e o objectivo a que se propunha o autor. Com estas novas questões que eram colocadas aos artistas surgia um conceito que viria revelar-se fundamental na criação destas novas práticas artísticas, denominado de *site-specific* (Harding, 1997).

É importante não considerar ou denominar a arte pública apenas como um tipo de arte que é feito no exterior de um museu ou de uma galeria, pois este novo conceito de arte surge com o propósito, pelos artistas da época, de tentar romper com um paradigma que vinha sendo repetido. Constatam-se alguns factores que eram praticados e que os artistas tentavam então subverter, como o tipo de materiais que eram utilizados nas obras de arte que eram maioritariamente de elevado custo, a utilização do pedestal que dificultava uma maior aproximação visual entre o objecto e o observador, e também a tentativa por parte dos artistas de alterar o tipo de mensagem do próprio objecto, propondo que este poderia servir como uma crítica à situação política (Regatão, 2007, p. 64).

Desta forma, a arte pública estabeleceu novas relações com as pessoas, algo que até à data das primeiras manifestações da prática não se denotava, sendo que as expressões artísticas apresentadas num contexto exterior se relacionavam mais com elementos de comemoração de um acontecimento, exemplificado em monumentos e estátuas expostas nas cidades (Regatão, 2007).

Previamente ao aparecimento da arte pública apresentada nos dias de hoje, apareciam artistas relevantes com a intenção de derrubar a ideia de estátua monumental, mais especificamente, durante a primeira metade do século XX, assistiu-se a manifestações por parte de artistas como o espanhol Pablo Picasso[1881-1973], o francês Auguste Rodin[1840-1917], entre outros que se propunham a romper com as práticas relativas à arte exposta no exterior da época, como monumentos e estátuas. Um exemplo destas manifestações por parte de alguns artistas, é o de Picasso que no ano de 1928, em Paris, decidiu homenagear um amigo que outrora tinha falecido e com o qual tinha tido uma cumplicidade

artística relevante, através da construção de quatro maquetas em ferro[Img.1] Isto levou a que surgisse enorme contestação pelo público em geral devido à radical transformação que Picasso propusera que era o de substituir a habitual massa escultórica por uma técnica que se relacionava mais com a exploração do vazio (Regatão, 2007, pp. 55-59).

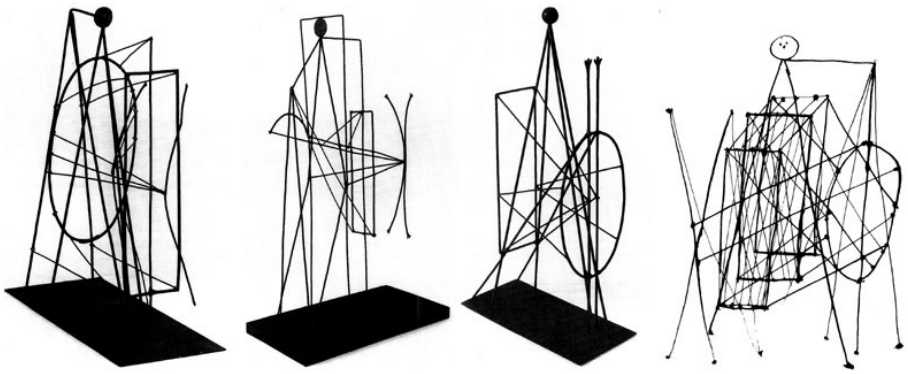


Fig. 1 – Representação de maquetas elaboradas em ferro por Picasso (Picasso, 1928).

Como referido anteriormente, é em 1960 que surge uma vontade unânime em que os trabalhos realizados por artistas com uma visão moderna sobre o conceito de escultura, transportassem os trabalhos realizados em museus e galerias para o exterior, por vezes apenas através de uma ampliação dos trabalhos previamente concebidos para os locais referidos. Este cenário vinha de encontro ao defendido pela premissa modernista, relacionada com a autonomia da arte. É nesta época e inserida neste contexto que surge a arte pública que, desde então, tem vindo a sofrer diversas alterações e consequentemente a ser confrontada com vários aspectos que têm possibilitado o seu melhoramento e integração nos espaços urbanos (Regatão, 2007, pp. 61-62).

1.2.2. Conceito

O conceito de arte pública tem gerado, desde que foi implementado como tal, grande controvérsia à volta da sua definição, mais precisamente, quais são as características e os factores que levam uma obra a ser considera arte pública. No âmbito desta vertente, têm-se desenvolvido várias práticas que se podem inserir nesta forma de expressão de arte. Poderão ter-se em conta variados tipos de intervenção pública que nos remetem para arte pública, nos quais se inserem a escultura, o *grafitti*, as actividades que envolvam comunidades, instalações entre outros. A falta de consenso gerado à volta da arte pública assume-se

maioritariamente no momento em que, para alguns críticos e artistas, esta poderá ser considerada como tal aquando do momento em que é realizada no exterior, ao ar-livre. No entanto existem artistas e críticos que a consideram a arte pública tendo em conta outros princípios, nomeadamente, apenas quando serve um propósito para a comunidade ou se assume como útil para a população na qual é inserida (Regatão, 2007, pp. 61-63).

Um dos factores de viragem no conceito de arte pública surge no momento em que se descredibilizou o monumento como algo com um carácter comemorativo e que se afirmava como sendo o único momento de uma obra exposta num espaço exterior, que acabava por ser meramente contemplativo. Posteriormente, as obras que passaram a ser expostas ao público, assumiram-se com um carácter de inclusão para com a sociedade e valorizando o espaço que as rodeava (Regatão, 2007, p. 64).

Tornou-se evidente, como referido anteriormente, que uma definição de arte pública se assume como algo subjectivo devido à sua extensa quantidade de factores, no entanto existem algumas características que apresentam factores comuns no que diz respeito à forma como a arte pública é apresentada. O conceito de arte pública, independentemente do tipo ou género que assume, surge apenas e quando esta é feita num espaço exterior, quando nos é apresentada sem obstáculos físicos e interage naturalmente com a nossa vivência. No seguimento deste conceito, a arte pública difere da arte exposta em museus pela sua independência de características sociais e económicas (Regatão, 2007, pp. 66-67).

Embora esta independência económica se assumisse como um atractivo para os artistas poderem realizar as suas obras, a arte pública ao tornar-se num fenómeno popular e de atracção de massas, veio originar com que as instituições relacionadas com arte se interessassem por financiar o tipo de obras que sem o apoio financeiro veriam a sua realização dificultada. Desta forma, a década seguinte ao aparecimento anunciado da arte pública, mais especificamente,1970, fica relacionado com esta inversão do poder, na qual os artistas passaram a ter um maior reconhecimento e a controlar onde expunham as suas obras. Destacam-se alguns nomes dentro deste contexto como Daniel Burren, Marcel Broodthaers, Hans Haacke, sendo que este último ficou mais conhecido com algumas obras específicas, nas quais se questionava perante uma nova perspectiva de encomenda por instituições. Foram realizados alguns pedidos por essas instituições, museus e

galerias com o intuito de artistas intervirem dentro destes espaços, ou seja, após esta nova percepção que se tinha sobre a importância de um espaço público perante a obra, pedia-se que os artistas elaborassem obras em espaços privados. Hans Haacke realizou algumas obras criticando este facto e afirmando que tal acontecimento só se poderia suceder se, se desafiasse os limites físicos destes espaços de forma a criticar a maneira como as instituições são limitativas aquando da leitura de uma obra de arte (Regatão, 2007, pp. 68-69). Algumas das obras do artista Hans Haacke vieram de encontro a esta crítica que os artistas tentaram pôr em prática, como se pode observar nas imagens 2 e 3:





Fig 2 e 3 – Fotografias da obra *Germania* de Hans Haacke, Bienal de Veneza (s.a, 2007). Fotografia da obra de Hans Haacke, Berlim (s.a, 2007).

O conceito de arte pública originou assim uma transformação significativa na forma de expor, fazendo com que as obras assumissem um carácter mais relacionado com a população em geral e fossem menos controladas por instituições que geriam os meios financeiros e controlavam assim o factor social que se veio revelar a principal característica da arte pública assim como o espaço físico em si. O próximo passo que viria a ser tomado na história da arte pública foi originado após uma grande controvérsia gerada por críticos de arte e alguns artistas, que sentiam a necessidade deste tipo de arte não se destacar meramente por ser exposta num espaço exterior mas essencialmente, por oferecer às pessoas e aos espaços públicos características singulares e irrepetíveis. Pode assim concluir-se que o conceito de arte pública se engloba no conjunto de obras que são essencialmente expostas num espaço exterior ao invés de um espaço interior, desta forma esta possibilita um maior acesso ao público e facilita a interacção entre o observador e a obra, tendo em conta que não possui condicionante que impeçam essa mesma liberdade de

observação. Nesta óptica, o tipo de público receptor de arte pública é necessariamente mais diversificado e engloba uma maior estratificação social, enquanto que num espaço como um museu ou uma galeria, o público possui um carácter mais selectivo e consequentemente é menos diversificado. Através desta nova forma expositiva, a arte passou a abordar outro tipo de vertentes, mais concretamente, o abandono do monumento como algo comemorativo e passando a ter como foco das suas intervenções o público (Regatão, 2007, pp. 64-65).

1.2.3. Espaço Privado/ Espaço Público: *Site-Specific*

Após o aparecimento deste novo tipo de arte, pública, esta deparou-se com algumas críticas e problemas que desde o início transportava, pela forma como tinha sido iniciada. Em meados dos anos 1970, alguns críticos incidiram numa questão fundamental que se relacionava com o tipo de arte praticado não ter a capacidade de acrescentar vantagens nem nenhum factor utilitário à sociedade. Esta contestação era gerada pela pouca relação que as obras que vinham sendo colocadas no exterior dos museus e galerias apresentavam com o meio e as pessoas, reforçando em demasia o conceito modernista da arte como sendo autónoma. Neste contexto, as obras que deram origem a este novo conceito de arte pública, que deveriam ter o objectivo, entre outros, de criar uma maior relação entre o objecto e o observador através de um acesso facilitado de massas, estariam pelo contrário a provocar uma determinada hostilidade para com as pessoas. Apenas poderia ser considerada, segundo alguns críticos, como uma arte que tinha o propósito única e exclusivamente de romper com uma determinada ordem criada pelo próprio traçado urbano, não se integrando com este (Kwon, 2002, pp. 64-65).

No seguimento desta problemática surge um novo conceito dentro da arte pública que viria a ser relevante na abordagem entre o objecto e o observador, bem como o meio circundante: *site-specific*. Esta nova abordagem sugerida, gerou um consenso não apenas nos críticos de arte mas nos próprios artistas como o passo que deveria ser tomado, com o intuito de ir ao encontro de um maior relacionamento entre a obra, o observador e o espaço.

A criação de uma interligação entre este elementos possibilitava uma maior percepção da obra numa primeira abordagem, evitando a descentralidade a que

estas estavam associadas e consequentemente passavam a ter uma utilidade pública, de forma a poderem servir o principal objectivo adjacente, as pessoas. Com esta nova forma de abordagem à arte pública, os artistas responsáveis por este tipo de obra passaram a desempenhar uma importância no espaço público semelhante ao de um arquitecto ou de um urbanista, na medida em que aumentaria a responsabilidade de criar arte que tivesse, não apenas, um carácter expositivo mas que preenchesse requisitos relacionados com a população, mais propriamente as suas necessidades (Kwon, 2002, pp. 66-72).

Aquando da introdução do *site-specific* no âmbito da arte pública, um dos artistas que mais se destacou por questionar todas as vertentes que se inseriam nos mesmo foi Richard Serra, ficando conhecida como uma das suas obras mais controversas e geradora de maior discussão em torno desta nova abordagem à arte pública, o *Titled Arc* na Federal Plaza em Nova Iorque [Img. 4 e 5] (Kwon, 2002, pp. 69-72).





Fig. 4 e 5 – *Tilted Arc* de Richard Serra, Nova Iorque (Chauvet, 1981).

Richard Serra defendia que a questão relacionada com o *site-specific* não tinha de se constituir obrigatoriamente numa obra que fosse de encontro às necessidades da população num determinado espaço, pois uma obra pode-se relacionar com um espaço criticando esse mesmo espaço e dessa forma actuar junto da população como um elemento de contestação a decisões políticas e sociais. Mais concretamente, o autor ressalvava que ao se fazer uma obra num espaço público, esta tinha, num primeiro momento, que abordar a topografia do sítio, o tamanho, a disposição e consequentemente esta análise levaria a que se fizesse não apenas

uma abordagem espacial mas sim também social, como se pode constatar na seguinte afirmação de Richard Serra (Kwon, 2002, pp. 73-78):

> Tilted Arc foi concebido desde o seu início como uma escultura site-specific e não para ser "ajustado ao local" ou..."realocado". Obras de site-specific lidam com as componente ambientais de determinados lugares. A escala, tamanho e localização das obras site-specific são determinados pela topografia do local, seja ele urbano ou fechado. As obras tornam-se parte do local e reestruturam conceptualmente e perceptivamente a organização do local.

As obras consideradas *site-specific* vieram trazer uma nova ligação entre os espaços e as próprias obras, seguindo o propósito de que uma obra de arte pública só poderia ser realizada num determinado local e com isto não poderia ser repetida em nenhum outro espaço. Isto fez com que a originalidade e a diversidade de obras aumentasse e ao mesmo tempo as comunidades sentiam-se mais integradas com a obra pois esta era única e, de certa forma, também lhes pertencia.

1.2.4. Tipos de Arte Pública

Com o avançar das intervenções ao nível da arte pública foi visível que apesar dos artistas praticarem intervenções que serviam os mesmos propósitos no âmbito da arte em geral, denotou-se a criação de diferentes vertentes relativamente às obras em si. Neste contexto, começaram a ser tomadas perspectivas diferentes de intervencionar o espaço público por parte dos artistas, nas quais se incluem vertentes relacionadas com a provocação, visibilidade, ironia, humor e que posteriormente podem assumir áreas mais específicas como a arte de intervenção comunitária, arte com características efémeras, entre outros.

O aparecimento da arte pública efémera possibilitou um conjunto inovado de experiências, tendo em conta que as obras realizadas no espaço público tinham maioritariamente um carácter permanente, o que consequentemente abrangia um maior dispêndio de recursos materiais e financeiros. Assim, a curta duração desta obras veio originar a realização de mais obras e com maior diversificação de materiais e características dado o seu carácter experimental e livre (Regatão, 2007, p. 108).

A Arte Pública efémera apresenta características favoráveis quando o objectivo do artista se relaciona com a observação ou uma experiência de algo que este queira ter num curto espaço de tempo. Passava assim a ser possível utilizar esta vertente da arte pública como se de um teste se tratasse para algo que posteriormente poderia ser feito com resultados previamente obtidos, ou seja, afirma-se como uma vertente que permite reduzir os riscos de uma intervenção futura (Regatão, 2007, p. 109).

Devido a estas características e dentro da arte pública esta tem sido uma das vertentes mais frequentes por todo o mundo pois permite que qualquer pessoa, independentemente da área, possa usufruir dela sem grandes custos e com resultados específicos sobre o que pretende analisar.

Inserida nas várias vertentes que a arte pública originou, encontra-se a arte de intervenção comunitária. Esta tem-se demonstrado fundamental na integração das comunidades e possibilitado uma maior interacção na própria concepção da obra entre o artista e as pessoas que habitam um determinado espaço. Esta vertente modifica alguns paradigmas relacionados com as outras vertentes de arte pública, mais especificamente, o valor final estético passou a ocupar um lugar com menos relevância para dar lugar à permuta social e artística que é gerada entre o artista e as pessoas. Neste contexto, o resultado final como contemplação ou objectivo de transmitir uma mensagem torna-se num factor menos importante (Regatão, 2007, pp. 115-116).

Neste contexto, a arte de intervenção comunitária fez com que uma obra se assumisse, no seu resultado final, não somente de um artista mas com um carácter de colaboração, de grupo. Um exemplo de como através da arte de intervenção utilitária com um carácter provocativo se pôde realizar uma intervenção é o de um núcleo de pessoas que vão trabalhando principalmente de forma anónima e que têm como objectivos a provocação de contradições insolúveis, ao qual se denominam por Left Hand Rotation (Left Hand Rotation, 2011).

Para se expressarem utilizam vários métodos relacionados com a arte, sendo que este caso de estudo foi realizado no Bairro da Luz em São Paulo, Brasil, que foi estigmatizado como Cracolândia pelo governo, devido a vários problemas relacionados com droga no local, o qual tentava resistir a uma tentativa de gentrificação desde os anos 70 (Left Hand Rotation, 2011).

Sob a designação de Nova Luz, mais de 30% do bairro foi ameaçado de ser desapropriado e demolido como parte de um plano para transformar a área e expulsar os habitantes, que são os mesmos que tentam valorizar aquele bairro e lutam para afirmar a existência do território e da sua cultura.

De acordo com este cenário e através de vídeo, os Left Hand Rotation realizaram naquele bairro uma acção que serviu como protesto às opções tomadas para este. Juntamente com os habitantes do bairro identificaram quais os edifícios e áreas que iriam desaparecer com o plano Nova Luz e de seguida rotularam cada um desses espaços, colocando cartazes e adesivos [Img. 6 a 8] com a informação de quanto tempo aquele espaço iria durar até ser alvo do tão criticado projecto Nova Luz. Foram também identificados os elementos que fazem parte da história e da memória do bairro, alguns que se mantêm desde o início do século passado, e que neste momento estão ameaçados de demolição (Left Hand Rotation, 2011).






Fig.6 a 8 – Imagem de cartazes utilizados na intervenção (Left Hand Rotation, 2011). Imagem de adesivos utilizados na intervenção (Left Hand Rotation, 2011). Imagem da montagem dos cartazes e adesivos (Left Hand Rotation, 2011).

Este exemplo demonstra como o aparecimento de novas vertentes relacionadas com a arte contribuíram para um melhoramento das características e princípios a ter em conta aquando de uma intervenção, alertando simultaneamente os habitantes a terem consciência das alterações a que os bairros iriam ser sujeitos. Naturalmente, é um processo constante de desenvolvimento que tem sempre em consideração a época e as suas necessidades e dessa forma, possibilitar que surjam novas formas e novos paradigmas inerentes ao conceito de arte pública.

2. Projecto “comunidArte”

O projecto “comunidArte” pretende de uma forma genérica proceder à análise de um espaço público consolidado, através da observação das dinâmicas sociais com o objectivo posterior de proceder a uma intervenção pública. Desta forma, eram tidos como principal catalisador do projecto, as pessoas.

A intervenção surge com a premissa de que, sendo as pessoas o elo mais influente no espaço público, de que forma uma intervenção, neste caso, o projecto “comunidArte”, poderia alterar as dinâmicas sociais recorrentes no espaço público eleito, o Largo do Intendente em Lisboa, demonstrado nas imagens 9 a 11. A análise do espaço público é realizada com base em dois factores, que estão relacionados com a presença constante no local para analisar os diferentes aspectos, acompanhada de um processo vídeo que tem como propósito auxiliar esta análise e posteriormente resultar num documentário que transmita uma ideia geral de todo o processo do projecto.







Fig. 9 a 11 – Fotografias do largo do Intendente, Lisboa, 2016. Autoria de Diogo Afonso

2.1. Análise prévia do sítio

Pretendíamos que o espaço público que seria alvo da intervenção apresentasse dimensões mais reduzidas como praças ou largos, de forma a ter todo o género de ocupações e consequentemente possibilitando uma maior aproximação às pessoas . Esta acção no espaço público ia ao encontro do ecleticismo e de analisar de que forma estes espaços, inseridos no meio urbano, influenciam as dinâmicas do próprio meio urbano.

A análise de um sítio que vem ao encontro destas características, não obstante o facto de ser uma aproximação à realidade, possibilita diferentes perspectivas e intervenções que podem responder a vários grupos de pessoas. A escolha do sítio, assume-se como o primeiro objectivo do projecto, tendo em conta que apenas após esta primeira fase ser concluída é que se poderia então proceder à análise e à intervenção. São vários os espaços públicos que se encontram neste âmbito, ou seja, que têm o objectivo de servir as pessoas e que se afirmam como uma realidade presente no quotidiano de uma cidade. Praças, largos e ruas são espaços que assumem um papel relevante na cidade, pois podem assumir várias funcionalidades na vida das pessoas, dando enfâse ao objectivo central do tema da Dissertação, mais propriamente, um espaço público como os que estão em questão, destacam-se na vida das pessoas como zonas de lazer, de passagem, de trabalho e são estas vertentes que aquando conjugadas dão origem à riqueza de um espaço público desta natureza.

A primeira aproximação ao sítio, a nível académico, que contribuiu para a escolha do espaço público para dissertação, surge aquando do workshop de Arquitectura e Cinema inserido na semana da Arquitectura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, representado nas próximas imagens (Cidades Paralelas, 2012).








Fig. 12 a 15 – Fotografias referentes ao workshop de Arquitectura e Cinema da semana da Arquitectura 2012 da ULHT, Lisboa (Cidades Paralelas, 2012).

Os objectivos deste workshop passavam por durante uma semana proceder à análise, no largo do Intendente, das interações sociais e como o espaço público influencia as mesmas. A forma de observação utilizada foi o meio audiovisual com o intuito de produzir imagens que resultassem num documentário. Esta análise foi composta por vários grupos, que previamente delinearam tarefas e concluíram quais eram as dinâmicas que pretendiam observar para que resultasse num pequeno documentário no final da semana, para ser apresentado ao restante corpo docente e alunos que participaram na Semana da Arquitectura 2012. Dentro desta análise, foi abordada a forma como as pessoas vivem o largo do Intendente, através de uma perspectiva de residentes, turistas e trabalhadores.

Esta aproximação ao largo do Intendente, possibilitou uma maior compreensão desta zona da cidade de Lisboa, através da recolha de dados históricos que explicassem o processo que o Intendente tem sido alvo ao longo dos últimos anos. Durante a realização deste workshop, o factor mais influente foi a presença diária no sítio, que permitiu fazer o paralelo entre os dados recolhidos previamente e a realidade existente.

A imagem social que o largo do Intendente transmitiu durante as últimas décadas, estava relacionada com factores que não contribuíram para que esta zona histórica de Lisboa se afirmasse como um local de passagem para turistas, nem estavam reunidas as condições para que os habitantes da zona do Intendente tivessem

dinâmicas sociais apropriadas para uma maior conexão com a cidade. Estes factores, como a droga, a prostituição de rua e presença de imigrantes ilegais, conduziram a discussões políticas, que visavam uma melhoria desta zona, reabrindo as suas portas para a cidade (Cidades Paralelas, 2012).

Durante as décadas de 1970 e 1980, observou-se em cidades como Londres ou Nova Iorque, o aparecimento de espaços criativos em zonas que outrora serviam um determinado sector na sociedade mas que, devido a factores sociais e políticos, foram perdendo a sua identidade, como por exemplo, zonas industriais. Com o surgimento deste novos espaços criativos, tais como, galerias de arte, ou estúdios de arte, presenciou-se uma nova dinâmica, que permitia que através do serviço social, prestado por este novos espaços, a regeneração desta zonas fosse feita de uma forma orgânica e gradual. Este método, foi aplicado posteriormente, tendo em conta o sucesso destas iniciativas, em cidades, através do planeamento urbano que pretendia minimizar factores semelhantes aos da zona do Intendente (Cidades Paralelas, 2012).

A zona do Intendente é um dos exemplos que utilizou um método semelhante ao referido anteriormente, e tem vindo a regenerar-se ao longo dos últimos anos, através de um longo processo de gentrificação. O largo do Intendente, como sítio unificador desta zona, assume-se como o catalisador para todo este processo, que teve indícios no ano de 2003 mas que apenas em 2010 foram reunidos os esforços necessários para que este processo fosse uma realidade. Mais especificamente, foram criados espaços neste largo e ao seu redor, relacionados com população mais jovem para criar uma maior afluência e consequentemente se ocupar as zonas mais problemáticas por uma população mais jovem e com propósitos de dinamizar a zona e o largo (Cidades Paralelas, 2012).

Em 2010, o gabinete da Câmara Municipal de Lisboa, presidido por António Costa, mudou-se directamente para um dos edifícios do largo do Intendente, representado na imagem 16, e que segundo o presidente tinha o intuito de dinamizar o espaço, gerando maior confiança para futuros investidores, consequentemente criando condições para que a afluência de pessoas aumentasse. Durante este últimos 5 anos, a zona do Intendente foi alvo de uma mudança a todos os níveis, social, político e económico e emergiu para um dos pontos mais frequentados da cidade de Lisboa, tanto a nível turístico, como também restabeleceu a confiança com os habitantes de Lisboa (Cidades Paralelas, 2012).

Este processo, em constante desenvolvimento, deve-se também ao aparecimento de novos espaços que vieram estabelecer um novo ideal à zona do Intentente, e principalmente servir de apoio a um largo renovado e com uma imagem mais limpa, como era intenção do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa. Foram criados novos espaços públicos, de carácter comercial e cultural, com o intuito de responder às novas necessidades desta zona.

Relativamente aos novos espaços criados, que foram criados com o objectivo de requalificar esta zona, respondendo essencialmente às necessidades da população foi o Largo Residências, entidade que, através da produção, disponibilizou todos os meios necessários à realização do projecto "comunidArte".

Este edifício, situa-se em Lisboa, no largo do Intendente, onde iniciou a sua actividade em 2011 e que propunha reconhecer a cultura, a criatividade e o conhecimento como elementos fundamentais para a regeneração social e urbana da zona que envolve os Anjos-Intendente-Mouraria. Esta regeneração que o Largo Residências pretendia promover quando se instalou no sítio procurava essencialmente responder aos problemas existentes, assim como às vontades e necessidades da população desta zona, contrariando à partida qualquer premissa ou ideia prévia. O conceito passa por oferecer condições de trabalho, criação e pesquisa aos artistas residentes, possibilitando esta troca entre artistas, com residência de carácter permanente, e com os turistas ou visitantes que apenas estão de passagem (Largo Residências, 2011).

Este conceito abrange várias áreas artísticas, tais como: as artes plásticas e visuais, teatro, literatura, fotografia e também recebe projectos de investigação, nos quais se inserem os académicos. Nestes, são várias as áreas alvo, como a antropologia, psicologia, sociologia, arquitectura, entre outras (Largo Residências, 2011).

Dentro desta lógica, o projecto "comunidArte" inseria-se no conceito que o Largo Residências vem promovendo desde o seu início, dado que se assumia como um projecto em constante desenvolvimento e sem uma ideia pré-estabelecida, procurava, no entanto, ir ao encontro da comunidade e interagir com esta, de forma a que o projecto surgisse e se modificasse com base na interacção com a população que dinamiza frequentemente o largo. Desta forma, foi-nos dada a possibilidade da

realização do projecto, através de uma residência artística providenciada pelo Largo Residências.

A primeira fase do projecto “comunidArte” com o Largo Residências, imagem 17, foi o processo que se assumiu como o mais longo durante a planificação, relacionada com a proposta de residência artística. A primeira proposta apresentada, continha as ideias base do projecto, essencialmente escritas, dado que o projecto se assumia como uma interacção com a comunidade, a estrutura formal e prática apenas poderiam ter um papel mais influente numa fase posterior, mais especificamente, após uma primeira análise de identificação de factores comuns ao sítio e à população.





Fig. 16 e 17 – Fotografia relativa ao edifício da Câmara Municipal de Lisboa. Fotografia do edifício LARGO Residências. Autoria de Diogo Afonso

A análise prévia do largo do Intendente teria um factor comum que iria atravessar todo o projecto e que ao longo do mesmo, apesar de ser feito num processo semelhante, propunha sempre dar resposta a diferentes problemas. Este elemento foi o áudio-visual, ou seja, o processo no qual se inseria o vídeo tinha o objectivo de ajudar a analisar dinâmicas sociais através de uma perspectiva exterior, ou seja, pormenores que são mais facilmente observáveis através da repetição. Neste caso, permitia um olhar mais minucioso sobre estas mesmas dinâmicas que apesar de se sentirem ao vivo, tornam-se menos perceptíveis.

Esta primeira fase do projecto incluiu vários elementos, com o objectivo de criar uma base sólida de análise e que permitisse posteriormente ajudar as escolhas projectuais em relação à intervenção.

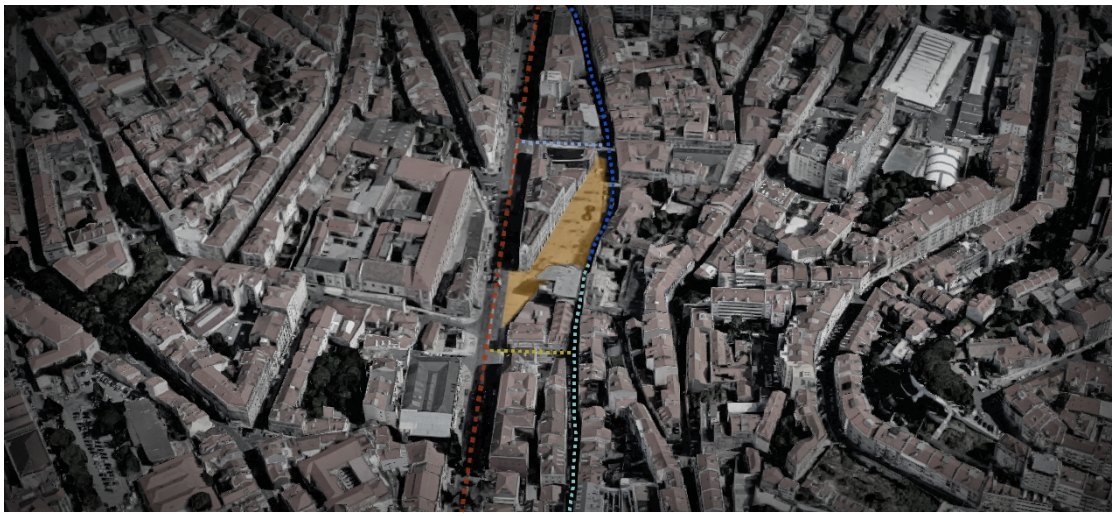
Relativamente às estratégias utilizados nesta primeira fase, são baseadas no método do, já referido autor, William Whyte. A investigação feita por Whyte, é reconhecida até aos dias de hoje como fundamental nas áreas do urbanismo e arquitectura e pretende oferecer uma maior versatilidade na concepção dos espaços, ressalvando as vicissitudes do carácter humano como gerador de espaços (Whyte, 1980, pp. 16-24).

Desta forma, a primeira fase de análise assenta em quatro momentos de recolha de dados, de forma a possibilitar uma melhor compreensão do largo do Intendente e uma intervenção adequada ao contexto socio-cultural desta zona. Detalhando, este quatro momentos: a conexão/ligação com as ruas adjacentes; apropriação espontânea do espaço público/dinâmicas e factores climáticos/mobiliário urbano; triangulação.

Relativamente ao primeiro momento, a segurança do espaço público através da conexão/ligação com ruas adjacente ao espaço analisado, foi uma análise que vinha sendo feita uns meses antes, entre Janeiro de 2015 e Junho de 2015, altura em se concretizou a aprovação do projecto pelo LARGO Residências. Nesta análise, foram tidos em conta factores como as acessibilidades, proximidade a pontos urbanos de referência, controlo policial do espaço e interacções de grupos sociais.

Como se demonstra na imagem 18, o largo do Intendente assume-se como um espaço privilegiado no contexto urbano da cidade de Lisboa, estando agregado a uma das principais artérias que distribui a zona centro da cidade, a avenida Almirante Reis.

A entrada sul do largo tem um carácter mais convidativo e revelador, através da perspectiva da avenida, o que torna este espaço mais ligado à cidade e permite uma maior afluência de pessoas. Este factor está directamente relacionado com a visão, pois é possível caminhar pela avenida e observar-se o largo sem ser necessário percorrê-lo, isto faz com que as pessoas não tenham receio de explorar um espaço com o qual não tenham nenhuma relação anterior, no entanto, a sua visibilidade alargada na entrada sul do largo, assume-se com um elemento favorável à segurança que William Whyte refere em *The Social Life of Small Urban Spaces*.



Legenda - Av. Almirante Reis Tv. Do Cidadão J. Gonçalves Rua do Benformoso

Tv. Do Benformoso Rua dos Anjos

Fig. 18 – Perspectiva aérea do largo do Intendente. Identificação das conexões/ligações ao sítio (Maps).

A entrada norte do largo do Intendente, a partir da avenida Almirante Reis, contrasta com a Sul, e é feita através da travessa do Cidadão João Gonçalves. Esta porta para o largo é mais fechada e menos perceptível, traduzindo-se num local de passagem maioritariamente para habitantes, trabalhadores e pessoas previamente conhecedoras do largo. Neste sentido, este espaço público apresenta duas realidades distintas, mais especificamente, a entrada norte é feita através de uma travessa relativamente curta e com uma largura menor em comparação com a entrada sul do largo, com maiores dimensões e maior campo de visão, estando ambas as entradas associadas à avenida Almirante Reis. No interior do largo do Intendente, este é delineado por duas ruas que servem como entradas, neste caso, a partir do interior dos quarteirões circundantes, como é perceptível na imagem 9. As ruas referidas, rua dos Anjos e rua do Benformoso, possuem um carácter diferenciado da avenida Almirante Reis, desde logo, transmitindo características bairristas e preservando aspectos que são condizentes com a história desta zona.

A rua dos Anjos, apresenta na sua maioria pequeno comércio e menor afluência de pessoas não-residentes, com características muito próprias, nas quais se salienta que, durante o tempo de análise efectuado, é frequentado maioritariamente pelas mesmas pessoas, provocando dinâmicas e hábitos semelhantes, durante a fase do dia e noite. Destaca-se também por ser uma rua que serve, através do pequeno

comércio, os habitantes desta zona, que apesar de o largo do Intendente ser uma zona mais propícia a actividades lúdicas, transmitem uma ligação próxima com a rua dos Anjos. Na intersecção com o largo do Intendente, a Rua dos Anjos delimita-o juntamente com a rua do Benformoso, que de uma forma semelhante apresenta uma identidade própria, no entanto, contrasta ao se analisar a afluência de pessoas que a percorre. A rua do Benformoso, destaca-se por reunir uma larga fracção de pequeno comércio oriundo de vários países estrangeiros, distribuído na zona do Intendente. Este factor conduz a uma convivência diversa de pessoas com diferentes culturas e religiões, no qual se integra com maior afluência que na rua dos Anjos, o turista. A rua do Benformoso, possui, também devido a estes factores, uma dinâmica própria com dimensões reduzidas e que se expande ao intersectar o largo, conforme se observa na imagem 20. As diferente fases do dia, manhã, tarde e noite, têm características semelhantes, tendo em conta que o pequeno comércio tem a sua maior afluência durante o dia, encerrando posteriormente durante a noite, ao invés, serviços como bares e restaurantes registam uma maior dinâmica durante a noite. Um dos factores que também contribuirá para esta maior dinâmica registada na rua do Benformoso, estará relacionada com a própria malha urbana que, como mostra a figura 19, é uma rua que une o largo do Intendente a um ponto de referência próximo, a praça Martim Moniz, que apresenta actividade pública durante todo o dia.



Legenda: 1-Largo do Intendente 2 -Praça Martim Moniz

Fig. 19 e 20 – Perspectiva de proximidade entre dois espaços públicos (Maps). Imagem retirada dos vídeos de observação da rua Benformoso. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Diogo Afonso

A nível longitudinal, como referido anteriormente, o largo do Intendente é delineado pelas avenida Almirante Reis e pela intersecção das ruas dos Anjos e Benformoso, enquanto que a nível transversal, a delimitação é feita pela travessa do Cidadão João Gonçalves e pela travessa do Benformoso, que faz a ligação a sul do largo, unindo a avenida e a rua do Benformoso.

Constata-se que os eixos que delimitam o largo apresentam características favoráveis a uma dinâmica diversificada e intercultural convergente no largo do Intendente, permitindo a observação de movimentações com um carácter eclético, tendo em conta este factor.

Relativamente à apropriação espontânea do espaço público analisado, foi realizada em simultâneo com o momento anterior, relacionado com as conexões e ligações adjacentes ao largo. William H. Whyte afirma no livro *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980, p. 16), que a observação que fizeram sobre a vida nos espaços públicos, como praças, largos, entre outros, foi através do processo vídeo que lhes permitia analisar padrões de comportamento diariamente, através da conversa directa com as pessoas e perceber de onde estas vinham, o local de trabalho, a frequência com que utilizavam o espaço público e que opinião, estas pessoas, transmitiam sobre o sítio mas que apesar de todos estes momentos de análise, sobretudo analisaram estes comportamentos ao observá-los *in loco*.

A análise deste momento, factores como o sol, a água, o mobiliário urbano permanente, e também factores que permitem temporariamente a apropriação do espaço, tornando-se, por vezes, num hábito. Referenciando, William Whyte, o autor sublinhava que todos os momentos de análise de um espaço público são importantes e diversificados, no entanto, existe um factor que influencia as diferentes vivências do espaço e dado o seu papel perante os outros elementos que constituem um espaço público, o autor faz a seguinte informação (Whyte, 1980, p. 42):

> A qualidade da experiência vivida, torna-se mais gratificante onde se denota a presença do sol. O melhor momento para se sentar debaixo de uma árvore, é quando existe luz solar, que proporciona a sombra. Quanto mais acesso tivermos ao sol, melhor será para nós, e ainda se essa exposição ao sol, for

proveniente de sul, deverá ser aproveitada ao máximo. O acesso ao sol deveria ser protegido.

Durante esta fase de observação, a presença ou a ausência do sol foi um elemento que possibilitou estabelecer uma aproximação de certos comportamentos sociais entre diversas culturas e religiões. A presença de luz solar num espaço público pode influenciar durante todo o ano as suas dinâmicas, funcionando como um elemento diferenciado dos outros, no seguimento de que, apesar de os restantes elementos como água, o mobiliário, actividades diversas entre outros, serem responsáveis pela maior parte das dinâmicas, a luz solar ou a ausência da mesma, influencia directamente os restantes factores. Este elemento ao ser comum aos restantes, como já referido, aproxima todas as diferentes culturas que habitam ou trabalham na zona do Intendente, convergindo maioritariamente no largo do Intendente.

Primeiramente com base na presença ou ausência da luz solar observámos as dinâmicas sociais criadas no largo, através do processo vídeo, da observação directa e da própria convivência que, se tornou gradualmente assídua no espaço. Este processo pretendia absorver as características que estivessem relacionadas com a permanência ou a passagem de pessoas, ao longo do largo e consequentemente que outros elementos se relacionam directamente.

O largo do Intendente, é um espaço público com relativas características favoráveis à presença de luz solar, através da observação de certos factores como as cérceas dos edifícios circundantes e da exposição solar proveniente de sul denota-se a forma como contribuem para que o largo seja propício ao aparecimento de luz solar durante uma significativa parte do dia.

Relativamente aos edifícios que delimitam directamente o largo do Intendente, através dos dados recolhidos relativos às cérceas, observámos que o edifício com maior cércea apresenta aproximadamente 23 metros de altura, contendo 5 pisos, enquanto que a menor cércea apresentada é de aproximadamente 8 metros de altura, contendo este edifício 2 pisos. Nesta recolha, foram analisados 14 edifícios, mais especificamente, os que tinham uma relação directa através da fachada com o largo. Pode observar-se na imagem 21, os edifícios que foram analisados mediante o elemento luz solar, com a respectiva altura associada:



Fig. 21 – Desenho demonstrativo das cérceas dos edifícios com relação de fachada com o largo, Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso.

Os edifícios que apresentam maior e menor cércea, com base na recolha de dados realizada, são respectivamente os edifícios B e D. Relativamente aos restantes edifícios em análise na imagem 21, contêm cérceas aproximadas e propícias a que este espaço público esteja exposto à luz solar. A média de altura da cércea dos edifícios identificados, de A a O, aproxima-se dos 11 metros de altura.

Esta exposição solar também é influenciada pela entrada situada a sul do largo, conforme se pode observar na imagem anterior, que é desimpedida de edifícios e que tem uma distância de aproximadamente 20 metros de largura, distância em linha recta do edifício O ao edifício A. As horas de maior exposição solar, durante o horário de verão, estão compreendidas entre as 11h00 e as 16h00, enquanto que as horas de maior exposição solar, referente ao horário de Inverno, apresentam valores relativamente idênticos.

No seguimento desta recolha de dados relativa à exposição solar do largo do Intendente, foram observados as zonas deste largo que produziam as respectivas sombras para posteriormente proceder-se à intersecção de dados relativos à afluência de pessoas durante o tempo de exposição solar. As zonas de sombra, presentes no largo, possuem características distintas, permanentes ou temporárias, nomeadamente, originadas pelos edifícios, árvores e esplanadas cobertas. O

desenho seguinte ilustra como se organiza a disposição das zonas de sombra do largo:



Legenda – e: esplanadas; i – árvores; k – Kit Garden

Fig. 22 – Desenho relativo às zonas de sombra no largo,Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso.

O largo do Intendente é composto por diversos tipos de sombra, relativamente às zonas de sombra permanentes são maioritariamente originadas pelas árvores dispostas longitudinalmente pelo largo, assinaladas no desenho anterior pela letra "i". A contabilização das árvores feita, traduz-se num total de 10, situando-se próximas das áreas de esplanada e de mobiliário urbano.

As áreas de esplanada são compostas por três zonas e estão associadas respectivamente a cafés, estas encontram-se protegidas da luz solar através de guarda-sóis que originam as referidas zonas de sombra.

O mobiliário urbano, neste caso permanente, que produz zonas de sombreamento situa-se a norte do largo do Intendente, identificado como "k", nas quais estas são originadas pelo *Kit Garden*, um jardim concebido pela artista plástica Joana Vasconcelos, demonstrado na próxima imagem:



Fig. 23 – Fotografia do *Kit Garden* de Joana Vasconcelos no largo do Intendente, Lisboa, 2016 Autoria de Diogo Afonso.

Estão presentes outros factores que se relacionam com a luz solar do largo, de origem climática e que desempenham um papel influente em espaços públicos, consequentemente a uma maior ou menor utilização do espaço. O largo do Intendente caracteriza-se por ser espaço com relativa ação do vento, criado pelo corredor de ventilação que conecta a Rua dos Anjos à Avenida Almirante Reis, intersectando no percurso, o largo.

As pessoas procuram maioritariamente zonas com luz solar e, neste contexto, a ausência de vento nos espaços públicos torna-se tão determinante como, aquando da ausência de sol. Constata-se, que os espaços públicos, como pequenos parques e praças são propícios a um melhor funcionamento, caso estes se encontrem relativamente fechados em três sítios. Uma das razões que leva a uma maior afluência das pessoas nestes espaços públicos, é determinada por uma relação equilibrada entre este dois elementos, luz solar e vento. Neste contexto, são criadas condições para que as pessoas se sintam melhor, física e psicologicamente (Whyte, 1980, pp. 44-45).

A presença de árvores torna-se essencial em espaços públicos por variadas razões mas desempenham um papel importante essencialmente a nível climático, neste sentido dever-se-iam reunir esforços para que exista progressivamente um aumento

de árvores, preferencialmente de grande porte, nos passeios e em espaços públicos. A disposição das árvores e a quantidade associada a praças deverão ser calculadas com base na proporção do espaço. Um exemplo desta situação é, caso uma praça contenha cerca de 500 m2, o mínimo de árvores presentes deverá aproximar-se das 6 (Whyte, 1980, pp. 46-47).

Os espaços públicos que permitem uma boa observação de todo o espaço através da perspectiva de uma zona de sombreamento, caracterizam-se por espaços com factor preferencial pela maioria das pessoas que os frequentam, como por exemplo os sombreamentos proporcionados por esplanadas, originando um maior conforto e protecção. Com base neste pensamento, deveriam ser levados alguns factores projectuais em conta, como zonas de sentar protegidas pelos sombreamentos das árvores, e consequentemente quanto mais próximas estas se posicionarem umas das outras, poderão proporcionar uma sobreposição de sombras e luz solar que poderão ser benéficas para a apropriação espontânea dos grupos que frequentam espaços com este carácter público (Whyte, 1980, pp. 46-47).

A água tem vindo a demonstrar a sua importância e é um elemento a ter em conta em praças públicas, algo que tem vindo a ser cada vez mais desenvolvido pelos arquitectos e urbanistas. Os novos parques e praças oferecem diversificadas formas de incluírem água nestes espaços, tais como, cascatas, espelhos de água, pequenas piscinas, fontes de todos os tipos. Em alguns espaços públicos com estas características é proibido o uso deste elemento para qualquer efeito mas segundo Whyte, não se deveria proibir as pessoas de interagir com a água quando se encontram nas praças, para servir as próprias pessoas e o seu bem-estar. A presença de água, nestes espaços, altera favoravelmente a vivências, dos mesmos, através do som criado, pois permite transpor para segundo plano sons mais ruidosos, como o de carros, proporcionando, por vezes às pessoas, a sensação de privacidade aquando de um diálogo próximo destes elementos (Whyte, 1980, pp. 47-48).

De seguida, tendo como base estes factores que, alteram as dinâmicas dos espaços públicos, iremos relacionar os dados recolhidos ao longo da análise produzida nesta fase, com o intuito de perceber de que forma estes elementos são geradores de comportamentos e consequentemente de padrões de apropriação espontânea. A constante observação realizada ao longo dos meses, através do vídeo e da presença assídua no largo do Intendente, permitiu a observação das dinâmicas que são criadas com os elementos que o sítio disponibiliza, de forma

permanente, de forma temporária, e elementos que têm um funcionamento misto, entre os dois referidos. Relativamente aos elementos com carácter permanente, foram identificados os seguintes: árvores, bancos, kit jardim, postes de iluminação e uma pequena fonte, outrora um bebedouro. Estes vários elementos, demonstram dinâmicas diversas conforme as várias fases do dia e os factores climáticos.As árvores estão dispostas no largo do Intendente longitudinalmente, e perfazem um total de 10. Encontram-se distribuídas próximas das zonas de sentar permanentes, neste caso, dos bancos, como se observa na imagem 24. Durante a observação, foi notória a relação de interações sociais entre as árvores e os bancos, sobretudo nos dias de temperatura superior aos 30ºC. A apropriação espontânea dos bancos está relacionada, durante o verão, com as sombras proporcionadas pelas árvores que se situam próximas, enquanto que durante o inverno, a luz solar é aproveitada com mais frequência nos bancos que não são cobertos pelas sombras das árvores ou que não estão posicionados na sombra originada pelos edifícios circundantes. Os bancos encontram-se dispostos em grupos, mais especificamente, de três em três, e perfazem um total de nove bancos. Estes grupos de bancos encontram-se situados, respectivamente, a norte, ao centro e a sul do largo. Os bancos mais situados a sul, estão expostos à luz solar durante um maior período de tempo, enquanto que os bancos situados ao centro e a norte possuem características semelhantes relativamente a este aspecto. O factor que origina esta maior exposição a sul, está relacionado com a entrada para o largo com maiores dimensões e também porque se situam numa zona menos obstruída pela sombra dos edifícios.



Fig. 24 – Desenho de identificação de mobiliário urbano. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso.

Constatou-se, durante a fase de observação, que os bancos com maior afluência são os que se situam mais próximos das entradas do largo, neste caso, com localização a norte e a sul. Relativamente aos bancos disposto na zona central do largo têm menos dinâmica que os anteriores, factor que pode ser resultante destes bancos se situarem numa zona maioritariamente de passagem de pessoas e mais exposta. Outro factor que pode influenciar uma menor interacção nestes bancos poderá estar relacionado com estes se encontrarem mais afastados de pontos de maior concentração de pessoas, como cafés.

Foi possível observar que existem alguns factores comuns em relação aos bancos que se situam no largo, como por exemplo: são maioritariamente apropriados por pessoas que se deslocam sem companhia ou por casais, tornando-se mais esporádicas as dinâmicas em grupo, no entanto, os bancos situados ao centro do largo são mais propícios a registar apropriações em grupo; outro factor em comum, está relacionado com a faixa etária, no qual se registam dinâmicas originadas por pessoas mais velhas; outro registo assinalável, diz respeito ao grupo de pessoas que faz um maior uso deste tipo de mobiliário urbano, neste caso, as pessoas em estudo, como já referido anteriormente, eram os residentes, trabalhadores e turistas. Foi possível observar que são maioritariamente residentes e/ou trabalhadores, as pessoas envolvidas nesta fase de observação.

Durante esta fase, as formas de apropriação também foi um elemento em observação e identificaram-se diferentes formas, tais como: sentar, deitar, brincar,

utilizados por skates, bicicletas, desenhar, comer. Nas seguintes imagens observam-se algumas dessas apropriações.





Fig. 25 e 26 – Imagens retiradas dos vídeos de observação de dinâmicas sociais. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Diogo Afonso.

Relativamente ao horário nocturno, as dinâmicas observadas em relação aos bancos são semelhantes às de dia, existindo uma diminuição significativa de pessoas que circulam no largo, e simultaneamente outros elementos presentes ganham maior dinâmica, passando este elemento para segundo plano. As situações em que se observa uma dinâmica semelhante ou superior à descrita durante o dia, é quando ocorrem eventos, como festas e concertos, que ao proporcionarem maior afluência de pessoas, tornam-se propícias a uma observação ainda mais diversificada de apropriações. Como exemplo desta situação, observámos que os bancos servem para pessoas com menor estatura se posicionarem em pé destes para um melhor visionamento de um concerto.

Outro elemento com carácter permanente no largo do Intendente é o *Kit Garden*, concebido pela artista plástica Joana Vasconcelos no ano de 2012, como demonstram as imagens 27 e 28. Este equipamento urbano aufere diversas dinâmicas ao largo e que são igualmente notórias durante todas as fases do dia.

O *Kit Garden* apresenta-se como uma intervenção pública que agrega várias formas de a vivenciar,tais como, escultura, banco e jardim. O *Kit* é composto por ferro forjado, bancos em ripado de madeira e loureiro. Estes elementos em conjunto formam o objecto criado por Joana Vasconcelos, que pretende criar uma interação com as pessoas que circulem pelo sítio, através de zonas com carácter mais privado e com carácter mais social (Vasconcelos, 2012).




Fig. 27 e 28 – Imagens retiradas dos vídeos de observação representativas do Kit Garden. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Diogo Afonso.

Durante o período de observação, o *Kit Garden* demonstrou desempenhar um papel importante nas interações sociais, através das suas características projectuais que relacionam o privado e público. Mais especificamente, este elemento apresenta duas zonas mais privadas, protegidas pelo elemento vegetal incluído, o loureiro e duas zonas mais expostas. Estas duas zonas são compostas por bancos e apresentam interações semelhantes aos restantes bancos situados no largo. Relativamente às zonas deste jardim mais expostas têm maior afluência que os restantes bancos do largo, quando se observam factores climatéricos mais adversos, como uma maior ação do vento. Os limites exteriores deste jardim também são utilizados pelas pessoas como forma de guardar bicicletas, enquanto se sentam na esplanada situada em frente. As maiores dinâmicas deste jardim observam-se no interior, zona mais protegida e privada, e tendo em conta essa característica, é utilizado para dormir, namorar, conversar.

Contrariamente aos bancos situados no largo, referidos anteriormente, este jardim destaca-se nas dinâmicas sociais por conter duas zonas de bancos mais protegidas, como se observa nas imagens 27 e 28. No seguimento desta característica, observaram-se maiores ações dentro destas zonas, maioritariamente durante a noite. São zonas utilizadas por sem-abrigo para pernoitar mas esta ação não é facilmente visível para quem circula no largo durante a noite.

Os grupos de pessoas utilizadores deste espaço são semelhantes aos restantes bancos, diferenciando-se por ser um elemento escultórico e consequentemente origina uma maior relação com os turistas. A aproximação de turistas a este elemento é feita maioritariamente através de registos fotográficos e observação exterior, enquanto que a interação física com o jardim é pouco recorrente. A vivência interior deste espaço é mais notada com habitantes e trabalhadores desta zona e, tendo em conta que acaba por ser no espaço público do largo, a zona com maior privacidade, é utilizada para actividades menos próprias de um espaço público.

Próximo deste jardim situa-se outro elemento que também regista diversas interações sociais e que influencia relativamente certos factores climatéricos do largo, que é o antigo bebedouro e que hoje apresenta características principalmente de ornamentação.





Fig. 29 e 30 – Imagens retiradas dos vídeos de observação representativas da fonte. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Diogo Afonso.

Esta pequena fonte, representada nas imagens 29 e 30, demonstrou durante o tempo de análise prévia ao sítio, ser um elemento com significativa interação e que vem reforçar o que William Whyte defende em *The Social Life of Small Urban Spaces,,* que os espaços públicos tornam-se mais dinâmicos e apetecíveis se forem compostos por elementos relacionados com água. Actualmente, esta fonte não contém água própria para beber, no entanto, este factor não é determinante na apropriação espontânea pelos vários grupos de pessoas.

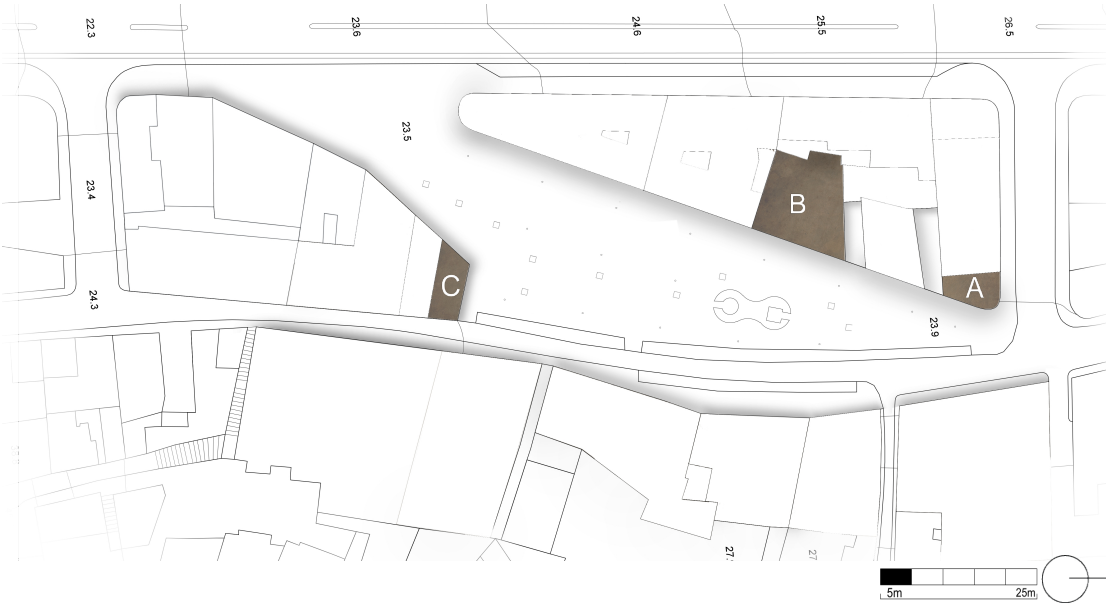
Apesar de alterar o espaço público nas dinâmicas que estabelece com as pessoas, observámos que desempenha um papel importante durante as épocas com temperaturas mais elevadas, na medida em que, refresca relativamente o ambiente envolvente, factor que pode indiciar uma maior relação a nível social.

Este elemento apresenta maioritariamente dinâmicas mais relacionadas com grupos de pessoas e não propriamente individualmente, dentro destes grupos, destacam-se principalmente as crianças e os turistas. De forma semelhante ao *Kit Garden,* os turistas têm por hábito parar junto a esta fonte e tirar fotografias, enquanto que as crianças utilizam essencialmente para brincar com a água e com os pombos que frequentemente pousam neste elemento para beber água. Outro factor que também suscita a curiosidade das pessoas que passam junto a esta fonte está relacionado com a citação gravada no chão e que se lê conforme se percorre a fonte. Esta

citação:”O meu pensamento é um rio subterrâneo. Para que terras vai e donde vem?” pertence a Fernando Pessoa.

Durante a fase de análise prévia ao largo do Intendente, foram identificados elementos que têm características mistas entre permanente e temporário, destacando-se nesta fase os serviços de café que alteram a vivência do espaço diariamente. Foram identificados três serviços de café compostos por esplanadas distribuídos pelo largo, que como demonstra a imagem 31, encontram-se posicionados estrategicamente a norte, ao centro e a sul do largo

Observou-se que o posicionamento dos serviços referidos adequa-se às ligações que o largo estabelece com a cidade, designadamente, disponibilizam nas entradas do espaço dinâmicas sociais frequentes, que podem originar maior segurança aos grupos de pessoas que não estão previamente familiarizados com o sítio.



Legenda – A- Café “O das Joanas”. B- Café “Largo Café Estúdio”. C- Café “Josephine Bistrô-Bar”

Fig. 31 – Desenho esquemático de identificação de cafés com serviço de esplanada. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso

O edifício “A”, representado na imagem 32, identifica-se como o café “O das Joanas” e o serviço de esplanada apesar de não ser permanente, possui um horário de funcionamento que, de forma semelhante aos outros serviços de café, faz com que se torne parte activa nas dinâmicas do espaço público. Mais especificamente, a partir da entrada norte do largo assume-se como o primeiro elemento do largo que possibilita aos vários grupos de pessoas, uma primeira paragem para usufruir do largo do Intendente, numa zona de esplanada. Estabelecendo um paralelo com o edifício “C”, o café “Josephine Bistrô-Bar”, imagem 34, estes cafés apresentam

características mais reservadas, relativamente à sua disposição no espaço. Estes dispõem-se em zonas de menor dinâmica social e, neste sentido, o edifício “B”, o café “Largo Café Estúdio”, imagem 33, usufruindo de uma zona mais central no largo, apresenta dinâmicas diferenciadas, tendo em conta que se situa mais próximo de outros elementos dinamizadores do espaço público



Fig. 32 – Fotografia do café “O das Joanas”. Intendente, Lisboa, 2016. Autoria de Diogo Afonso.

Durante a fase inicial do dia, entre as 9h00 e as 12h00, o café “O das Joanas” regista uma maior afluência que os restantes cafés presentes no largo, enquanto que a partir das 15h00 até às 20h00, as pessoas distribuem-se de forma semelhante pelos vários cafés. As razões que originam estas dinâmicas são influenciadas por diversos factores, nos quais, identificámos que um desses factores está relacionado com a afluência de turistas ao largo. Enquanto durante a manhã, o sítio possui uma menor afluência de turistas, durante a tarde regista-se um cenário relativamente diferente, com maior quantidade de pessoas a vivenciar o espaço. Através destes registos, poder-se-á concluir que as pessoas que mais frequentam o largo durante a parte da manhã, são residentes e trabalhadores, tendo em conta a proximidade observada entre os donos dos estabelecimentos e os clientes.





Fig. 33 e 34– Fotografias dos cafés “Largo Café Estúdio” e “Josephine Bistrô-Bar”. Intendente, Lisboa, 2016. Autoria de Diogo Afonso.

Os vários serviços de esplanada no largo, como se observa nas imagens 35 e 36, têm influência directa nas dinâmicas sociais, identificada através da forma como as pessoas se movimentam no espaço, através do registo de tempo que permanecem

no espaço e também através destes serviços poderem estar relacionados com elementos de carácter temporário.





Fig. 35 e 36 – Imagens retiradas dos vídeos de observação representativas das esplanadas do largo do Intendente. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Diogo Afonso.

A proximidade registada entre os clientes e as pessoas que gerem estes espaços é um factor que contribui de forma orgânica para as apropriações deste espaço público e será responsável para que durante a análise se tenham identificados factores comuns em todos os serviços de café. As semelhanças foram visíveis, através da presença relativamente constante das mesmas pessoas que vão ocupando estes espaços durante a semana e que vão trazendo novas pessoas para partilhar estas vivências, tornando-se consequentemente num ciclo que resulta em maior afluência no largo.

Inserido nos elementos fundidos entre o permanente e o temporário, englobam-se as pessoas que ocupam parte dos edifícios circundantes, na qualidade de residentes. Esta presença é visível por quem vive o largo do Intendente ao nível térreo e cria uma ligação de segurança entre estes e os residentes que frequentemente ocupam as respectivas varandas das suas habitações com vista directa para o largo.

Relativamente aos elementos de carácter temporário, foram identificados na fase de análise vários como, concertos, exposições, cinema ao ar-livre, workshops, entre outros. Estes eventos temporários são um dos factores que têm contribuído para um constante aumento de afluências no largo e permitem uma maior interação com vários grupos de pessoas, desde uma população mais jovem a uma população mais idosa, desde residentes do bairro e da cidade a turistas.

Estes eventos contam frequentemente com o apoio da Junta de Freguesia de Arroios, assim como a Câmara Municipal de Lisboa que têm possibilitado uma maior frequência dos mesmos, nos quais se inserem, como já referido anteriormente, eventos organizados pelo Largo Residências, que se tem demonstrado como uma parte activa nas dinâmicas observadas no espaço público. Apesar destes eventos assumirem um carácter temporário, contribuem para enriquecer as interações sociais do largo e consequentemente aproximar este espaço público à cidade de Lisboa.

O evento *Lisboa Mistura*, foi um dos eventos coincidentes durante a fase de observação. Este foi promovido pela Associação Sons da Lusofonia, em parceria com a Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC). O evento realizou-se entre os dias 17 e 21 de Junho de 2015 e anualmente engloba várias áreas e temas, tais como concertos, performances, conversas e debates, actividades culinárias de todo o mundo, entre outros (Africana, 2015).

A maior afluência a este evento foi observada durante a noite, que inclui concertos de artistas maioritariamente com influências africanas, e como demonstram as imagens 37 e 38, interagem com os elementos anteriormente referidos, alterando as dinâmicas recorrentes dos mesmos.





Fig. 37 e 38 – Imagens retiradas dos vídeos de observação representativas do evento “Lisboa Mistura”. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso e João Martins.

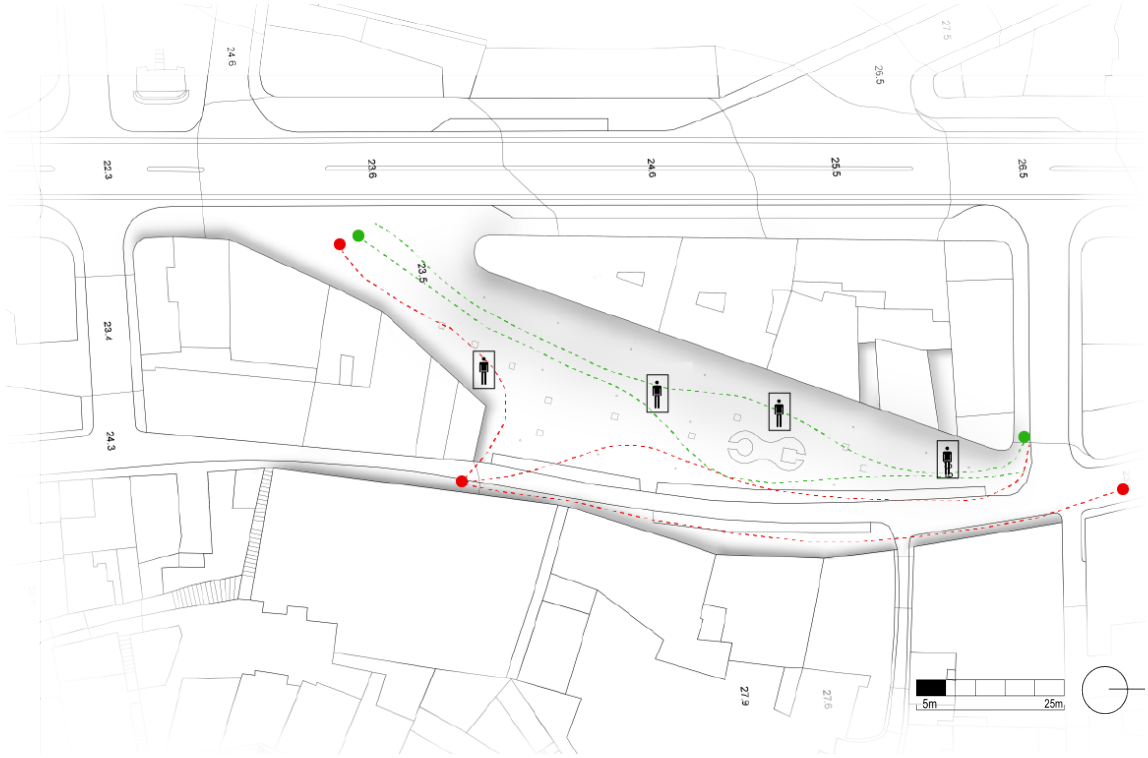
Seguidamente, foram identificadas as dinâmicas referentes aos percursos efectuados recorrentemente pelos vários grupos de pessoas. Esta fase da análise baseia-se na observação através do vídeo e *in loco,* e pretende apresentar as diferentes formas de percorrer o largo, abordando a uma perspectiva espacial desde as crianças aos idosos. As observações realizadas relativamente aos percursos no

largo, pretendiam relacionar os elementos anteriormente identificados, para posteriormente se definirem determinados comportamentos comuns.

Esta fase de observação permitiu identificar as zonas mais percorridas deste espaço público, chegámos à conclusão que diferem de acordo com o grupo de pessoas que se pretende identificar: residentes, trabalhadores, turistas. No entanto, as diferentes formas de percorrer o espaço, demonstraram alguns aspectos semelhantes, demostrados na imagem 39.

Relativamente aos residentes e trabalhadores estes aspectos são visíveis nas formas de entrar no largo, sendo estas feitas maioritariamente pelas rua dos Anjos e pela rua do Benformoso. Este registo, relaciona-se com o facto de estas duas ruas estabelecerem as principais ligações para o interior destas zonas, que são maioritariamente habitacionais e com pequeno comércio.

Contrariamente a estes grupos de pessoas, os turistas são introduzidos ao largo maioritariamente através das entradas norte e sul que este estabelece com a Avenida Almirante Reis. Foi observado, que geralmente os turistas após a entrada e permanência ou passagem pelo largo, saem deste espaço público pelo mesmo sentido de orientação com que entraram no largo, ou seja, com a referência da avenida Almirante Reis. Este factor pode indicar que os turistas, na maioria dos casos, não optam pelas ruas adjacentes ao largo como a rua dos Anjos e do Benformoso, no momento da saída. Observou-se, que os turistas quando saíam do largo por estas ruas, geralmente estavam acompanhados de guias turísticos, indicando que este factor se poderá indicar que a avenida Almirante Reis estabelece maior segurança.



Legenda – Turistas | Residentes/Trabalhadores Ponto de partida | Afluência mais frequente

Fig. 39 – Desenho esquemático de identificação de percursos pedonais mais frequentes. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso.

Os percursos feitos pelos turistas no largo apresentaram, durante a fase de análise, aspectos semelhantes, tais como, as pessoas que entravam no largo através da entrada sul, vindos da avenida Almirante Reis, percorriam o largo de uma forma mais discreta, passando junto à fonte e ao *Kit Garden,* no entanto não passavam junto às zonas de esplanada, normalmente zonas mais populadas.

O percurso contrário, entrando pela zona norte do largo, vindo da avenida Almirante Reis, registou-se como um percurso de maior inclusão e interação social por parte dos turistas, contribuindo consequentemente para as zonas de maior afluência registadas.

Relativamente às zonas percorridas pelos residentes e trabalhadores, observámos algumas semelhanças, no que respeita à interação social, estes grupos ocupam zonas menos povoadas, indicando que estes utilizam o largo, maioritariamente como meio de deslocação. Estes dados relativos aos residentes e trabalhadores sofrem algumas mudanças durante a fase da noite e tendem a aproximar-se dos dados recolhidos relativos aos turistas. Quer isto dizer, que após o horário laboral as pessoas tendem a criar maiores interações sociais, mais especificamente entre as

18h00 e as 00h00. Seguidamente tendo como exemplo a metodologia de William Whyte, surge como último elemento de análise, a triangulação. Este momento, tem como objectivo fazer a ligação com o próximo passo deste projecto, através da compreensão do conceito de triangulação e as formas como este se relaciona com as dinâmicas e apropriações em espaços públicos com este carácter.

O autor, Whyte, ao analisar os comportamentos sociais em várias praças em Nova Iorque, caracterizou este momento como um dos principais a ter em conta aquando de uma análise de um espaço público, fundamentalmente de menores dimensões. A triangulação tem como característica alcançar várias pessoas e incentiva a que se estabeleçam novas interações sociais entre pessoas desconhecidas, de uma forma espontânea (Whyte, 1980, p. 94).

Relativamente à triangulação, Whyte, no livro *The Social Life of Small Urban Spaces*, relata alguns exemplos que se inserem neste momento de análise e que motivam as referidas interações sociais nas várias praças de Nova Iorque analisadas. Um dos exemplos de triangulação que o autor observou, diz respeito a uma escultura que foi instalada na praça *Chase Manhattan,* no qual refere que (Whyte, 1980, p. 96):

> As esculturas podem gerar efeitos sociais fortes. Antes e depois das análises da praça Chase Manhattan, foi visível que a instalação de Dubuffet, "Four Trees", demonstrou um impacto benéfico relativamente à actividade pedestre. As pessoas são atraídas para a escultura, Posicionam-se debaixo dela, ao lado, tocam e falam sobre esta escultura.

Esta escultura foi realizada por Jean Dubuffet em 1972 na praça *Chase Manhattan* em Nova Iorque, como demonstram as imagens 40 e 41. Situa-se numa praça, que segundo o autor, Dubuffet, é uma praça com um carácter empresarial, encontrando-se a escultura situada em frente ao edifício Chase Manhattan Bank. Dubuffet, revela que estas árvores não deviam ser interpretadas como árvores reais mas como uma aparência do impulso e a fertilidade do pensamento humano e consequentemente contrastar com a rigidez das linhas da praça (s.a.).



Fig. 40 e 41 – Perspectivas da escultura de Jean Dubuffet, Nova Iorque, 2007 (Steed, 2007).

Existem outras variantes que influenciam o conceito de triangulação e que foram identificadas por William Whyte, tais como, músicos de rua, artistas de rua, esculturas, entre outros. Os espaços públicos de maiores dimensões não deverão ter uma menor importância relativamente aos espaços públicos mais reduzidos, na medida em que estes são geradores de pequenos espaços públicos que em conjunto formam um todo. No entanto, em relação às cidades, os espaços públicos com menor dimensão existem em maior abundância, nos quais uma grande parte precisa de renovações e que estabelecem maior convivência com as próprias cidades onde se incluem (Whyte, 1980, pp. 95-101).

A constante repetição destes pequenos espaços públicos na cidade é benéfica, no sentido em que se identificam como sendo sítios nos quais as pessoas preferem passar a maioria dos tempos livres. É também nestes, que se sentem mais confortáveis, desde o momento em que esses espaços sejam populados e ocupados por estas diversas dinâmicas que se estabelecem. Os pequenos espaços públicos também interagem com as pessoas que apenas passam por eles, através de interações visuais, e consequentemente a maior existência de sítios com este carácter possibilita maiores condições de segurança às pessoas, fazendo com que

estas percorram a cidade com esse sentimento de segurança (Whyte, 1980, pp. 95-101).

Após a análise prévia do largo do Intendente mediante os factores anteriormente referidos, procedemos aos processos projectual e logísticos que se relacionam entre si desde o momento da concepção formal até aos pormenores técnicos utilizados no projecto da instalação.

2.2. Processos a nível projectual e logístico

O projecto "comunidArte" tem a sua origem, como já foi referido, aquando da apresentação de uma proposta que se enquadrasse com a Dissertação de Mestrado em Arquitectura na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Esta primeira proposta continha primeiramente os elementos que seriam objecto de estudo e a forma como se pretendia identificar e realizar a própria proposta.

Relativamente a esta fase do projecto, as ideias baseavam-se, primeiramente, na observação de um espaço público de pequenas dimensões e se situasse na cidade de Lisboa. Esta observação, tinha como referência o livro já referido anteriormente de William Whyte, *The Social Life of Small Urban Spaces*, assim como o documentário anexado ao livro que serve de método para as conclusões que o autor descreve.

Este método pretendia através de vídeo e de presença constante no local, identificar variados aspectos que caracterizavam ou descaracterizavam o sítio, dinâmicas e interações sociais, a integração ou desintegração na cidade, entre outros aspectos. Seguidamente a análise, proceder a uma intervenção no espaço público que se enquadrasse no conceito de triangulação, anteriormente referido, tendo em consideração a análise previamente feita e posteriormente analisar e identificar a nível social e espacial de que forma a intervenção influenciou o sítio.

Após ser aprovada esta intenção, o sítio que seria alvo deste projecto poderia possuir características diversas, tais como, consolidado ou pouco consolidado, com maior ou menor afluência, histórico ou recente, praça, largo. O elemento que era tido como essencial no projecto, relacionava-se com o carácter público. Após a identificação de variados espaços com este carácter na cidade de Lisboa, a escolha incidiu no largo do Intendente, em Lisboa. Esta escolha foi feita com base em

factores revelados anteriormente e mostrou-se uma mais valia a todos os níveis, sociais, logísticos e projectuais.

O projecto “comunidArte”, entra nesta fase com a necessidade encontrar uma parceria entre o Departamento de Arquitectura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e uma identidade que viabilizasse logisticamente o projecto. Essa parceria foi feita com o Largo Residências, através da proposta que tinha sido apresentada para a Dissertação de Mestrado com o objectivo de ser aprovada por esta segunda entidade e desenvolver o projecto em residência artística.

A primeira versão do projecto “comunidArte” foi entregue ao Largo Residências em Novembro de 2014 e era composta por dois elementos, a parte escrita correspondente às ideias que pretendiam ser desenvolvidas acompanhada da respectiva contextualização, assim como um pequeno vídeo que sintetizava a ideia do projecto.

A aprovação do projecto, foi dada, pela parte do Largo Residências, em Junho de 2015, numa fase em que se poderiam discutir questões projectuais e analisar no que consistiria a própria intervenção. As datas da intervenção ficaram definidas nesta fase, tendo em conta a disponibilidade do Largo Residências e do próprio espaço público, neste caso o largo do Intendente. O início do mês de Setembro de 2015, ficou definido como o intervalo para a intervenção ser realizada no sítio, mais especificamente, entre dia 2 a 8 de Setembro.

O tempo que intercalou a apresentação da proposta e a respectiva aprovação, foi direcionado para a primeira fase do projecto, que incluía a análise do largo do Intendente, Durante esta fase, procedeu-se às observações *in loco,* assim como as filmagens relacionadas com esta fase e com o documentário final.

Aquando da aprovação do projecto por parte do Largo Residências, foram abordados quais seriam os aspectos projectuais de forma a estabelecer uma relação entre as condições existentes e os aspectos pretendidos com a intervenção. Apesar do projecto, em termos formais, nesta fase não estar desenvolvido, tendo em conta que primeiramente teriam de ser estabelecidas as condições, da parte do Largo Residências, que contou com o apoio da Junta de Freguesia de Arroios, não foram impostas regras em termos formais ou espaciais.

Esta liberdade criada para o projecto foi benéfica e demonstrou que o Largo Residências seria uma parceria fundamental em todo este processo. A partir deste momento, começou a ser desenvolvido o projecto a nível formal e com opções projectuais relacionadas directamente com análise prévia, tendo em conta que a única premissa para o projecto "comunidArte" estava relacionada directamente com as pessoas, ou seja, um projecto essencialmente com e para a comunidade.

Enquanto a intervenção foi desenvolvida, foram definidos vários aspectos, nos quais se insere a materialidade. Este aspecto tinha em conta, que a intervenção, tratando-se de um trabalho realizado a nível académico, seria realizada através dos vários apoios conseguidos que quisessem participar no projecto fornecendo os elementos necessários e que fossem possíveis. De acordo com esta situação, foram identificados algumas empresas que poderiam acrescentar uma mais valia para o projecto com as ajudas que poderiam fornecer.

Primeiramente, estabelecemos um contacto com a Pladur Portugal com o intuito da construção da intervenção ser materializada com o material que a Pladur nos pudesse disponibilizar. A intervenção, a nível formal, já tinha um desenvolvimento que permitia apresentar a proposta e o conceito, neste caso à Pladur, e perceber se existia a possibilidade de um apoio a nível material para a execução da intervenção. Após uma reunião com responsáveis da Pladur Portugal, apreendemos que este material, apesar das suas mais valias e adaptabilidades, não se coadunava com a intervenção, relativamente a esta vir a ser colocada no exterior. Este aspecto, foi determinante em concordarmos que a Pladur seria mais útil se a intervenção fosse realizada num espaço interior.

Seguidamente, procedemos a um processo idêntico ao referido, através de um primeiro contacto com a Viroc, explicando as ideias base do projecto. Nesta fase, no final de Julho de 2015, com as opções projectuais já mais consolidadas, foram enviados elementos neste primeiro contacto relacionados com a intervenção e de que forma esta seria, caso se realizasse com o material Viroc. A resposta foi prontamente positiva por parte da Viroc, mostrando-se totalmente disponíveis no que respeitava ao material que iria ser necessário, e de forma idêntica qual seria o material pretendido, dado que esta apresenta uma diversa gama de produtos.

O apoio da Viroc ao projecto "comunidArte", através do fornecimento do material necessário à sua realização foi um factor essencial em todo o processo logísitico,e

através da disponibilidade prontamente demonstrada, permitiu acelerar esta fase do processo que se aproximava da data de inauguração.

Outro apoio que teve uma parte interventiva neste projecto foi o FabLab Lisboa, que entrou nesta fase do processo devido ao Largo Residências, com o qual mantêm uma parceria constante em vários projectos que ocorrem no largo do Intendente. Relativamente ao apoio fornecido pelo FabLab Lisboa, demonstrou ser uma mais valia em vários aspectos, na medida em que foram estabelecidos alguns contactos com pessoas que permitiram acelerar o desenvolvimento do projecto.O FabLab Lisboa disponibilizou-se para ajudar, contribuindo para o desenvolvimento do projecto através da máquina CNC, procedendo à marcação do material Viroc fornecido para posteriormente se realizar ao corte do mesmo. Nesta fase, durante o mês de Agosto, foram realizados em simultâneo o processo de marcação e de corte, o primeiro através da máquina CNC (Comando Numérico Computarizado) disponível e a segunda com o apoio de uma serra circular portátil, tal como demonstram as seguintes imagens 41 e 42:

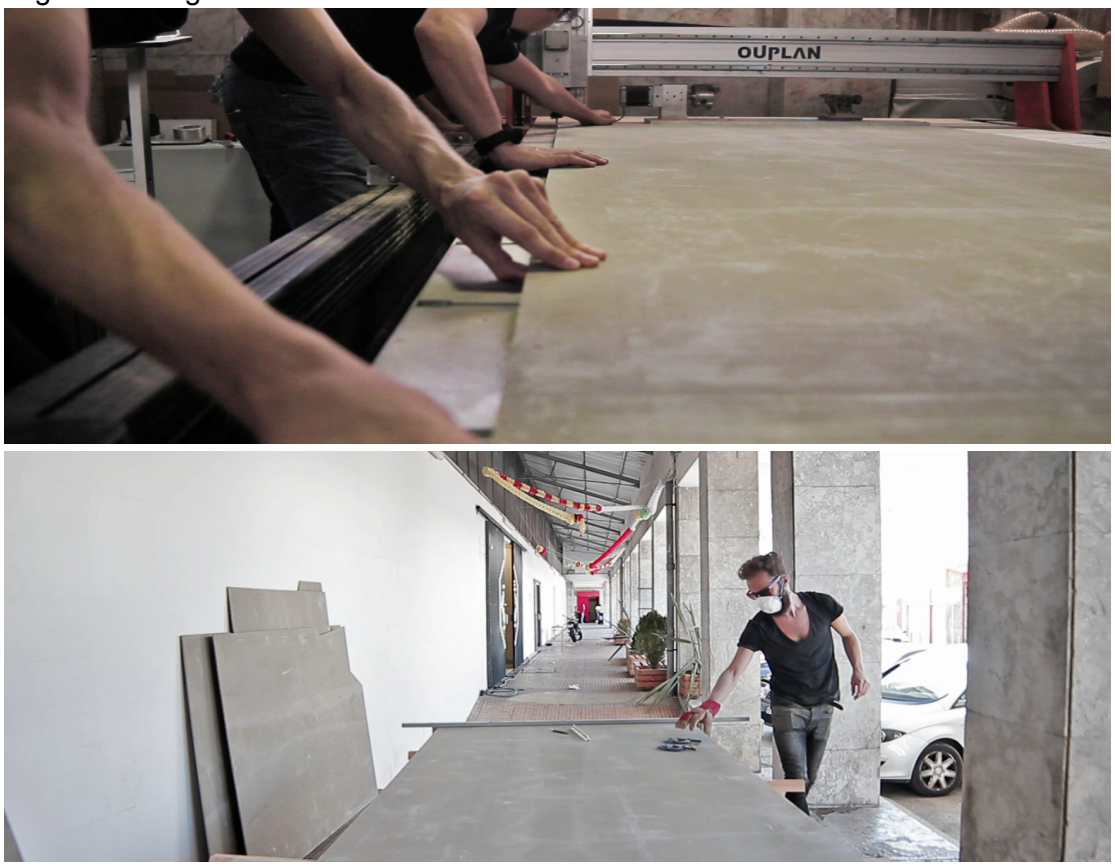


Fig. 41 e 42 – Imagens relativas à marcação do material Viroc. FabLab Lisboa, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins.

O processo de corte das placas de Viroc foi dividido entre dois sítios, primeiramente efectuado nas instalações do FabLab Lisboa e seguidamente transportaram-se o

material Viroc para um armazém junto ao largo do Intendente, na rua Maria em Lisboa, que o Largo Residências disponibilizou como um dos elementos do apoio prestado em todo o projecto. Após a conclusão do processo de corte, procedemos à realização da estrutura, respectiva à instalação.

O material relativo à estrutura da instalação foi o único elemento, no qual não existiram apoios, sendo realizada através de um investimento próprio. A estrutura, representada nas imagens 43 e 44 foi previamente desenvolvida em materiais que tivessem o enquadramento necessário à convivência com o material Viroc. A realização deste processo foi feita no armazém disponibilizado, contudo, parte do processo de corte da estrutura teve a ajuda de um estabelecimento anexado ao FabLab Lisboa, relacionado com trabalhos vários com madeira.



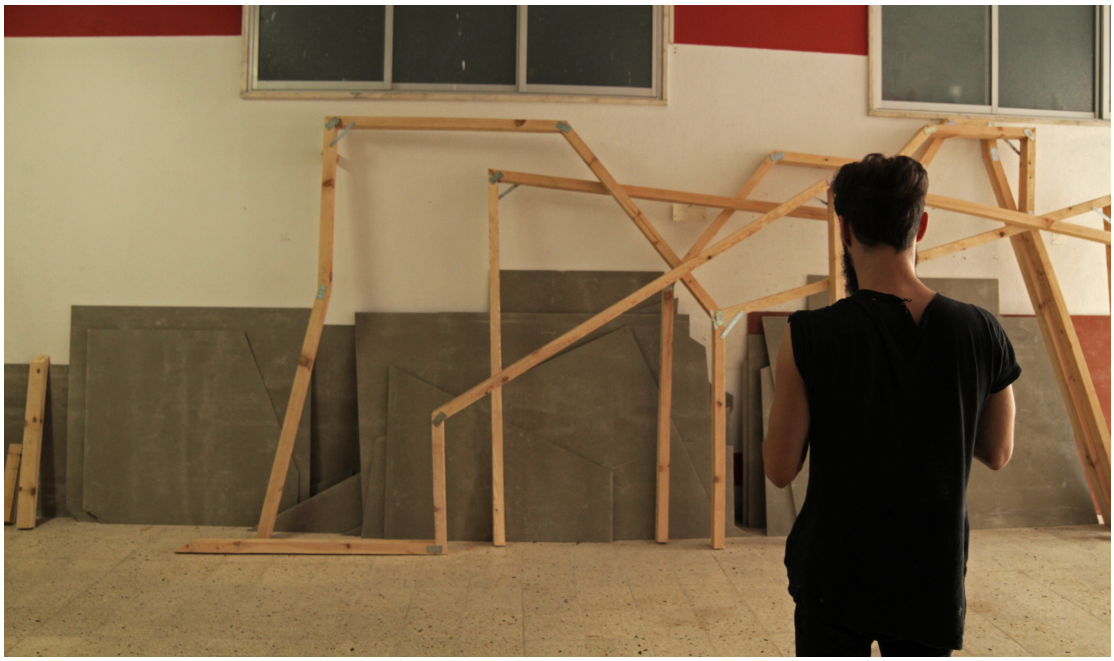


Fig. 43 e 44 – Imagens relativas à estrutura em madeira. Rua Maria, Lisboa, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins.

Durante o mês de Agosto, elaborámos estes dois processos, relativos às placas de Viroc e à estrutura em madeira. O processo de construção foi constantemente auxiliado por métodos computarizados, não apenas os meios utilizados no FabLab como todo o projecto, a nível de construção, foi realizado através do método 3D, mais especificamente, o programa *Rhinoceros 3D.* Este método foi útil em cenários como, experimentação de forma e simulação de um modelo 3D que facilitasse a posterior construção.

2.3. Projecto

O projecto "comunidArte" pretende de uma forma genérica proceder à análise de um espaço público consolidado, utilizando o vídeo como principal instrumento de apoio a uma observação. Como principal foco da análise, destaca-se a vertente da acção humana a nível social de forma a que se possam relacionar as decisões de carácter projectual com a consequente ocupação de um determinado espaço.

O objectivo passa por observar a forma como as pessoas vivem e determinam a utilização de um espaço que foi projectado para um determinado fim, sendo que a utilização e a vivência às quais o espaço está sujeito não dependem única e exclusivamente de quem o projecta, delimitando assim o uso de um espaço a uma determinada acção. Com esta visão, pretende-se observar que um espaço alcança outros usos devido à interacção social humana, demonstrando que as pessoas são o principal catalisador do mesmo. Pretende-se que seja de acesso a todos para

demonstrar o ecleticismo e o impacto que um espaço público representa numa zona urbana, aproximando-se da realidade do quotidiano.

São vários os espaços públicos que se encontram neste âmbito, ou seja, que têm o objectivo de servir as pessoas e que se afirmam como uma realidade presente no quotidiano de uma cidade. Praças, largos e ruas são espaços que assumem um papel relevante na cidade, pois podem assumir várias funcionalidades na vida das pessoas, dando enfâse ao objectivo central do tema da dissertação, mais propriamente, um espaço público como os que estão em questão, destacam-se na vida das pessoas como zonas de lazer, de passagem, de trabalho e são estas, que aquando conjugadas dão origem à riqueza de um espaço público deste carácter.

O local escolhido foi o largo do Intendente em Lisboa, sendo a escolha por este sítio justificada anteriomente. Este apresenta variados factores que são interessantes do ponto de vista antropológico do espaço urbano. O largo do Intendente, caracterizou-se por muitos anos num sítio que não era procurado pelas pessoas devido à sua má reputação, mais especificamente, factores relacionados com a prostituição e droga. Recentemente, este espaço foi alvo de uma reestruturação com o intuito de criar uma nova imagem, que levasse as pessoas a procurar e explorar esta zona e a utilizassem como um espaço de lazer, algo que é compreensível e justificável, tratando-se de uma zona que se situa próxima da malha urbana histórica de Lisboa, e esta reestruturação permitiria uma saudável convivência com outras zonas próximas que primam pela história e turismo de Lisboa. Tendo em conta estes factores e como o largo do Intendente está ainda neste momento nesse processo seria uma mais valia conseguir observar toda esta mutação e a forma de como estas intervenções têm o potencial para modificar toda uma zona que foi durante muito tempo um local não apetecível.

A elaboração do projecto “comunidArte” tinha como princípio suceder à análise prévia do largo do Intendente, tendo em conta que a nível formal, o projecto teria de responder aos aspectos identificados. Estes aspectos, eram relacionados com as conexões e ligações com as ruas adjacentes, a apropriação espontânea do espaço público/dinâmicas e factores climáticos/mobiliário urbano.

Relativamente a estes aspectos identificados, o factor comum a todos eram as pessoas, neste contexto, os dados recolhidos através do processo vídeo e da

observação *in loco*, foram, de certa forma, definidoras de uma proposta concreta a nível conceptual e formal.

Aspectos Conceptuais

Seguindo o método projectual referido, o primeiro momento da concepção da intervenção relaciona-se a nível conceptual com os aspectos identificados previamente, para seguidamente se efectuarem decisões a nível formal.

Em relação à primeira opção a nível projectual, foi realizada com base nas afluências de pessoas, dentro do largo do Intendente. A liberdade de criação concedida ao projecto, na qual está inserida a escolha da zona específica de intervenção. Desde uma fase inicial de aprovação do projecto, que as escolhas foram livres na concepção, neste caso, aquando da escolha do sítio, não foi exceção.

A escolha da zona de intervenção, no largo do Intendente, está relacionada com as alfuências, através da análise dos dados relativos às dinâmicas e apropriações espontâneas do largo. Pretendia-se, retirar deste momento de análise, os dados relativos às zonas que tinham maior afluência, dentro das quais, as zonas que se encontravam livres de serviços. Após a observação dos mesmos, foi visível que as zonas do largo, devido à sua dimensão, apresentam afluências relativamente semelhantes, no entanto, a zona escolhida regista maior afluência, não apenas de uma forma espontânea mas também relacionado com os outros momentos utilizados na fase de análise prévia.

Os dados recolhidos deste momento de análise, demonstraram que esta zona, representada na imagem 45, apresenta maiores movimentações, desde crianças a idosos. É utilizado, frequentemente, pelas crianças para actividades lúdicas e, neste caso, espontâneas tais como, andar de bicicleta, patins, skate, jogar à bola entre outras actividades que são usualmente observadas nesta zona. Apresenta características de constantes movimentações, de permanência e essencialmente de passagem.

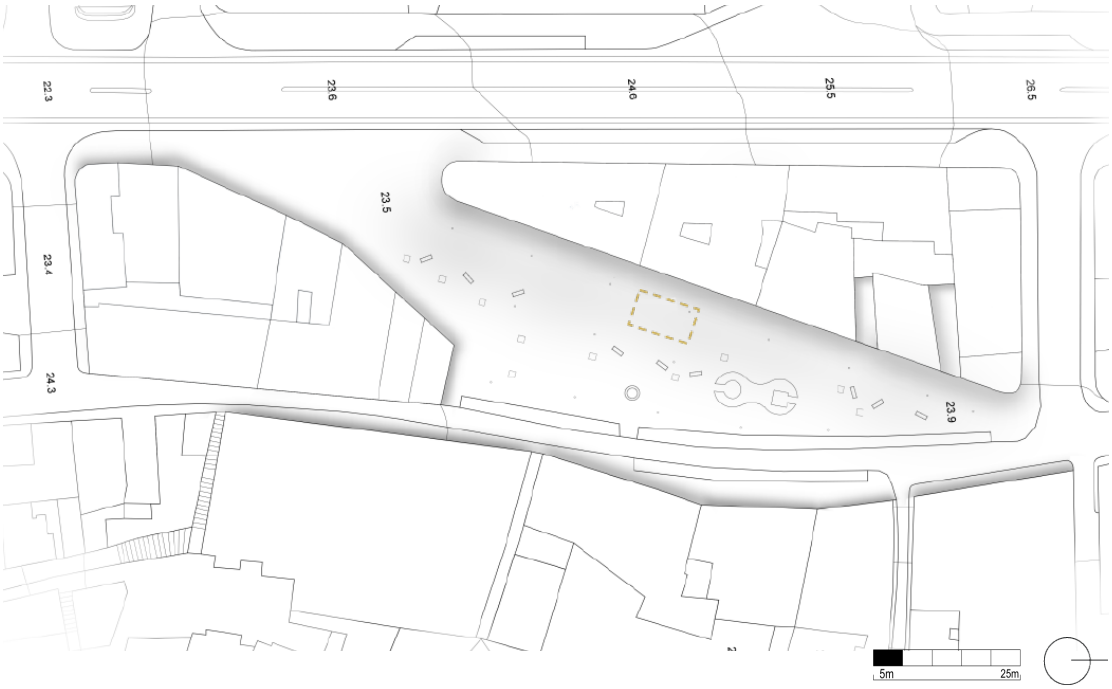


Fig. 45 – Desenho esquemático de identificação do sítio escolhido para a intervenção. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso

A escolha desta zona, com base nos aspectos referidos, permite que a intervenção venha influenciar o normal percurso das pessoas no largo, alterando as características a nível visual mas essencialmente, neste aspecto, altera as características da zona a nível espacial.

Após a escolha do espaço onde a instalação iria ter lugar, com base na análise prévia efectuada através do registo de vídeo e da observação *in loco,* procedemos à elaboração formal a nível projectual que visava responder às várias fases analisadas.

Primeiramente, as conexões/ligações às ruas adjacentes, mais propriamente as entradas para o largo do Intendente, serviram numa primeira fase para se relacionarem com a forma de entrar e sair na própria instalação. As principais entradas para o largo, provenientes da avenida Almirante Reis, a norte e a sul estabeleceram uma relação directa com a instalação, através das seguintes escolhas projectuais: quer ao nível da entrada norte, proveniente da travessa do Cidadão Jorge Gonçalves, como da entrada sul, através da avenida, a intenção passava por criar duas entradas no objecto que simbolizassem as duas entradas no largo referidas, ou seja, ao entrar no largo seria sempre perceptível uma entrada para o objecto, tanto a norte como a sul.

Relativamente às entradas para a instalação, pretendíamos que estas fossem perceptíveis mas que simultaneamente não fossem esclarecedoras do que ocorria no interior, com o objectivo de criar curiosidade e aproximar as pessoas ao espaço. Este aspecto conceptual permitiu numa primeira fase a elaboração de várias hipóteses que se enquadrassem nesta lógica, ajudando ao aparecimento das primeiras hipóteses formais.

Inserido nos aspectos conceptuais reunidos previamente à formalização do objecto, o segundo factor relevante relacionou-se com o mobiliário urbano já existente no largo. Este aspecto visava relacionar o objecto com o largo através dos elementos de carácter permanente, nos quais se inserem os bancos. Como se observa na imagem 46, pretendia-se que os bancos identificados servissem o seu habitual propósito mas que interagissem de algum modo com o objecto. Durante a fase de análise, observámos que apesar deste dois bancos se posicionarem na zona de maior passagem e movimentação de pessoas, estes eram frequentemente utilizados pelas pessoas contrastando com a movimentação característica daquela zona em específico.

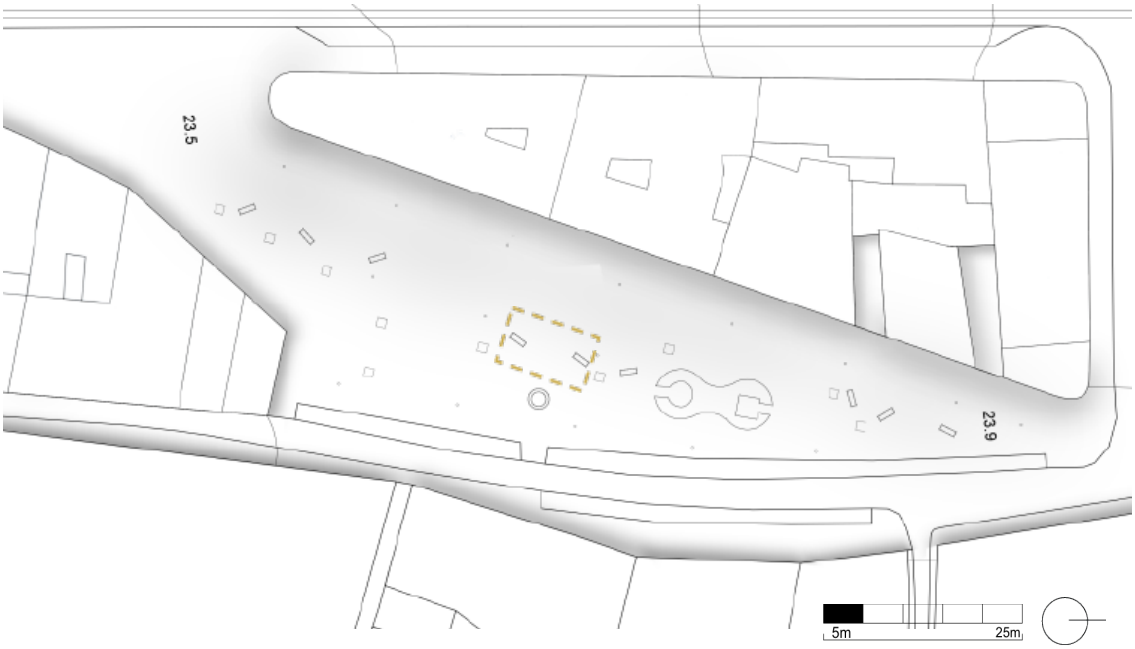


Fig. 46 – Desenho esquemático de identificação de imobiliário urbano no largo do Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de Diogo Afonso.

Tendo em conta que o espaço escolhido para a intervenção apresenta características de grande movimentação e que a intervenção iria trazer uma nova dinâmica àquele espaço, mais relacionada com a contemplação e com ritmos com

Seguidamente, o terceiro aspecto a nível conceptual que pretendíamos explorar, relacionava-se com a altura da instalação. Tendo em conta que o objecto tencionava atingir um público jovem e adulto, surgiu a intenção de relacionar a forma com todas as pessoas que vivenciassem o espaço, nomeadamente através de diferentes alturas que se relacionassem directamente com as alturas das diferentes pessoas. Este aspecto somado aos anteriores, constituíam as variáveis que tínhamos como objectivo explorar através da forma do objecto para que posteriormente se observasse de que modo estes aspectos tinham influência na vivência do espaço.

A nível programático não existia nenhuma condicionante, como já foi referido anteriormente o objectivo passava pela observação do contacto que as pessoas estabeleciam com o objecto a nível formal, do qual se pretendia retirar as várias utilizações de que o objecto tinha sido alvo. Estas utilizações pretendiam-se espontâneas e livres de forma a observar a relação entre estes aspectos conceptuais e a posterior reação, sem a existência de condicionamentos de utilização.

menor velocidade, pretendíamos evidenciar a relação directa entre os bancos referidos e a instalação através da visão. Mais especificamente, a maior fachada do objecto teria de estar virada para os bancos para possibilitar a observação de futuras intervenções que o objecto viria a ser alvo. Esta relação pretendia que os bancos se tornassem numa zona de contemplação do objecto, que a nível formal foi feita pela criação de uma fachada paralela à direção dos próprios bancos. Através da identificação deste segundo aspecto conceptual, foi possível estabelecer algumas dimensões que ajudariam na composição forma do objecto.

Desenhos Técnicos/Concepção

Após a reunião destes aspectos a nível conceptual, foram feitos alguns testes formais que viessem responder às características identificadas. As imagens 47 e 49 representam, respectivamente, a planta geral da instalação e um corte transversal, nos quais é possível ter uma primeira aproximação à relação entre os objectivos conceptuais e a forma.

Relativamente à imagem 48 é possível observar a relação entre as duas principais entradas do largo e as entradas da instalação, mais especificamente, o resultado formal da intenção de simbolizar estas duas entradas na instalação e simultaneamente não desvendar o interior da mesma. É demonstrado através da fachada Este a interação com os dois bancos situados em frente, no qual o objectivo vinha ao encontro de criar a maior face da instalação e que fosse paralela aos bancos referidos.

Pretendíamos que as dinâmicas que constantemente se observaram neste espaço específico de implementação viessem alterar-se através das dimensões da instalação, ou seja, como referido anteriormente foi o espaço que registou maiores movimentações e a instalação visava criar novas dinâmicas, tendo em conta que obrigaria as pessoas a percorrerem outros percursos. Apesar das dimensões do objecto poderem originar menor movimentação, por outro lado este apresenta um percurso regular que pretende servir de nova alternativa.

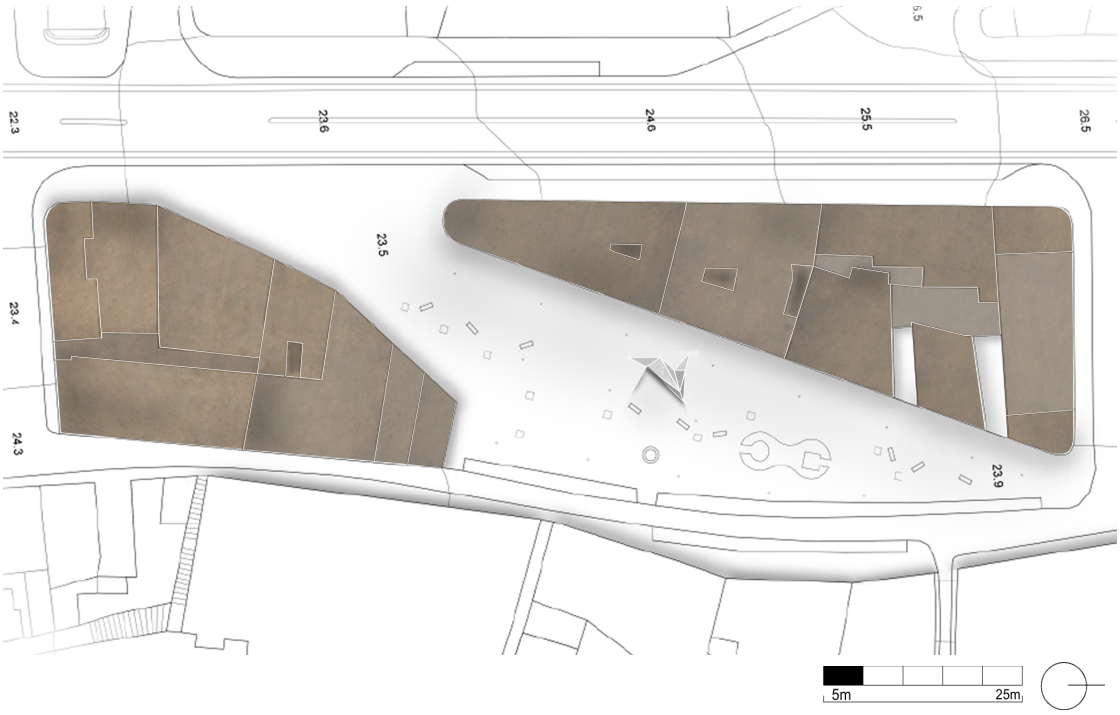


Fig. 47 – Planta Geral da instalação. Intendente, Lisboa. Auditoria de Diogo Afonso.

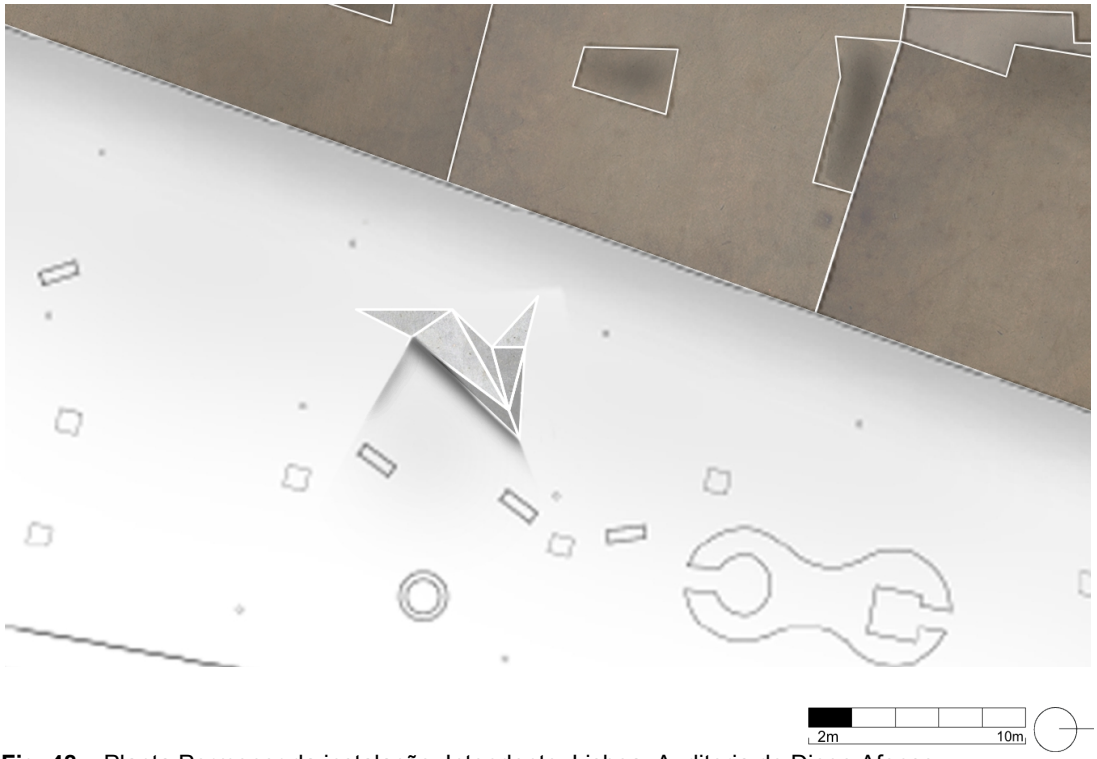


Fig. 48 – Planta Pormenor da instalação. Intendente, Lisboa. Auditoria de Diogo Afonso.

Este percurso surge da paralela à direção dos bancos modelando a forma da instalação juntamente com os ângulos e direções das entradas. A inclusão de um percurso na instalação pretendia que as pessoas continuassem a poder utilizar aquele espaço para se movimentarem mas através de uma nova perspectiva. As dimensões relativas ao percurso são de sete metros de comprimento por dois metros e 40 centímetros de largura

Relativamente às fachadas que constituem o objecto apresentam direções e ângulos variados de forma a atingir o objectivo que se pretende alcançar com o interior, ou seja, dar uma dinâmica e um sentido de movimento que caracterizam o sítio de implementação. A fachada Este é a que apresenta maiores dimensões, com 7 metros de comprimento.

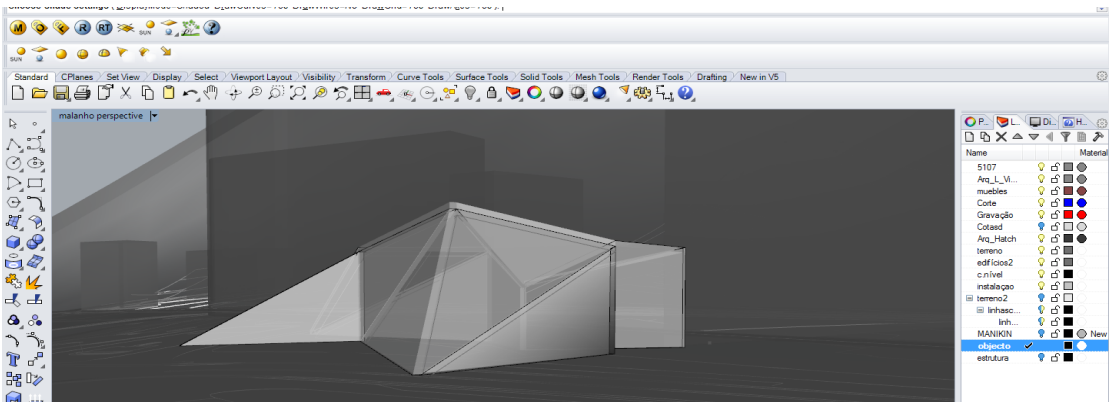
A imagem 49 representa uma vista transversal do objecto, na qual é possível ver as relações de alturas que pretendiam, como referido anteriormente, possibilitar diferentes vivências do espaço às pessoas das faixas etárias. Este aspecto foi explorado na plenitude da instalação, como por exemplo nas entradas e no percurso inerente. Em relação às entradas verifica-se em ambas uma altura reduzida e outra maior para crianças e adultos, nas quais as dimensões são, respectivamente de um

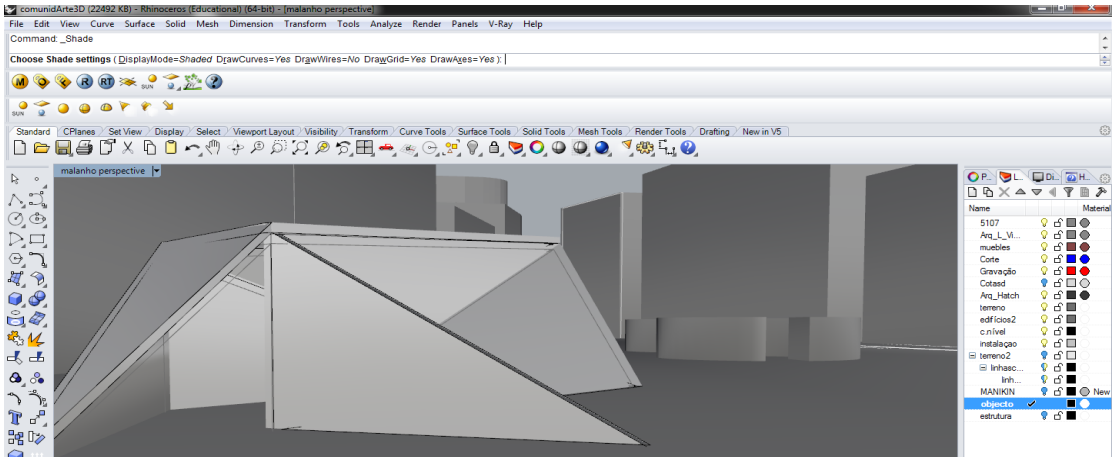
metro e 20 centímetros e de um metro e oitenta centímetros. A altura máxima do objecto integra-se no percurso e é de dois metros e 50 centímetros.



Fig. 49 – Corte esquemático da instalação s/escala. Intendente, Lisboa. Autoria de Diogo Afonso.

Durante esta fase de concepção o modelo 3D no program Rhinoceros auxiliou a construção e a percepção do objecto, como demonstram as imagens as seguintes imagens. Na imagem 50 e 51 são representadas as respectivas entradas da instalação e é possível observar mais detalhadamente como se constituem a nível formal.A imagem 52 representa a fachada Este do objecto, neste caso com maiores dimensões.





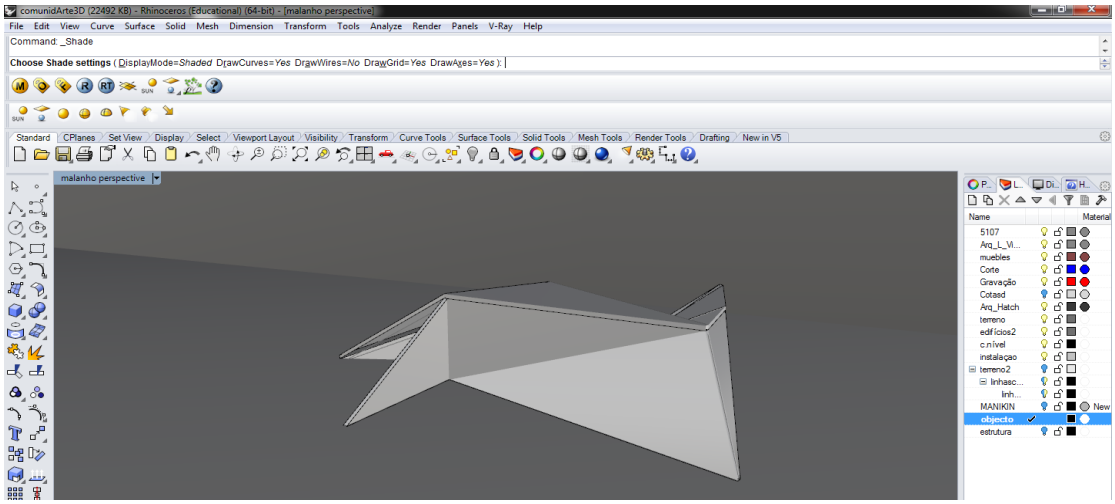
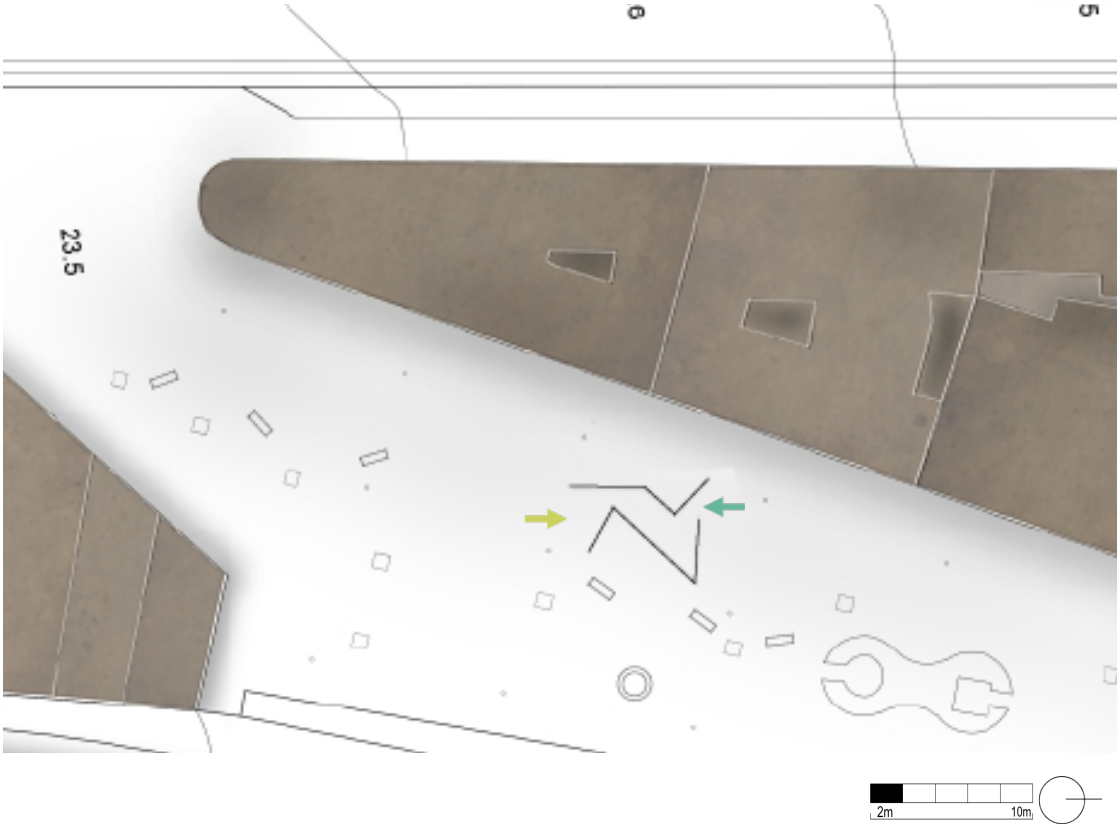


Fig. 50, 51 e 52 – Imagem retirada do programa Rhinoceros durante a concepção tridimensional. Intendente, Lisboa. Autoria de Diogo Afonso.

O percurso inerente à instalação está demonstrado na imagem 53, na qual se observam os limites invisíveis que serviram de base para os limites do objecto. Estes limites são formados pelos postes de electricidade permanentes no espaço e que de forma geral estão dispostos longitudalmente no largo respeitando uma esquadria que é observável em planta. Através da imagem abaixo representada pode observar-se as diferentes perspectivas de entrada no largo que a instalação pretendia valorizar. As entradas norte e sul e a relação com a terceira entrada, neste caso com carácter mais secundário devido a não estar ligada à avenida, é feita através da rua do Benformoso, na qual foi privilegiado o primeiro contacto visual com a principal fachada

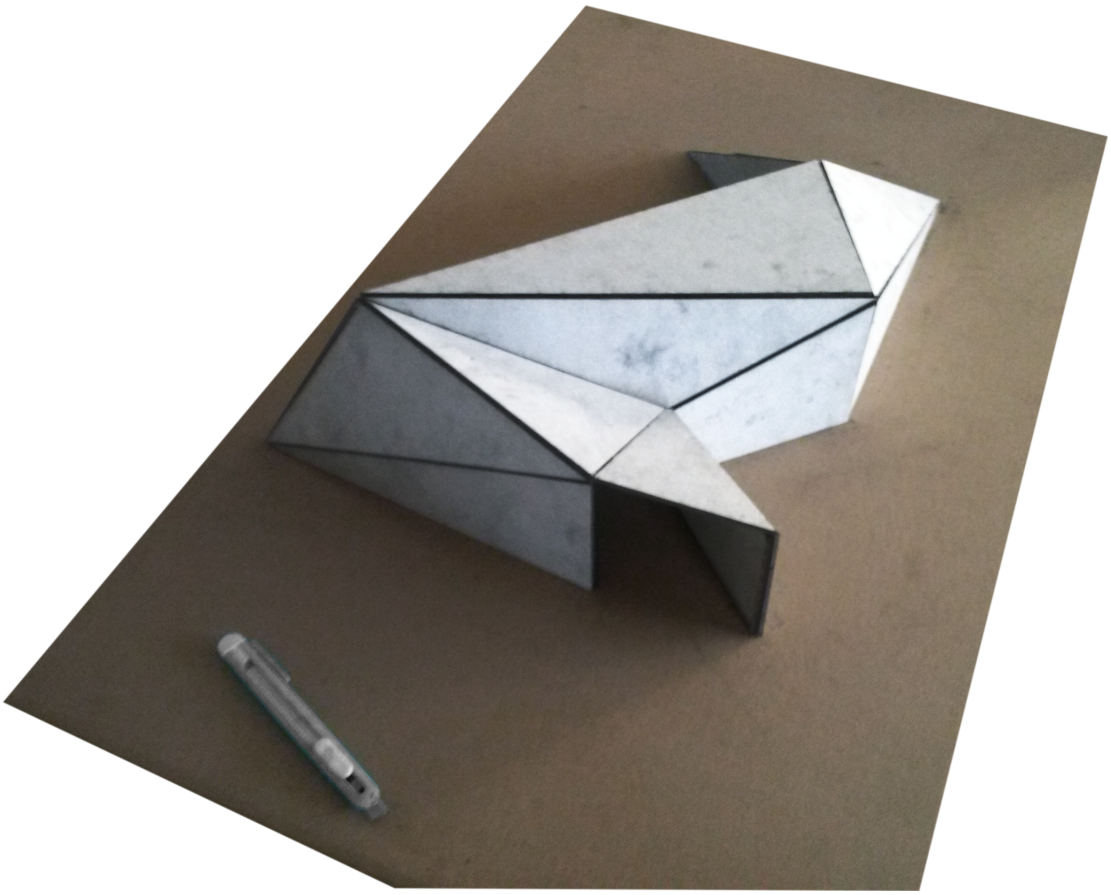


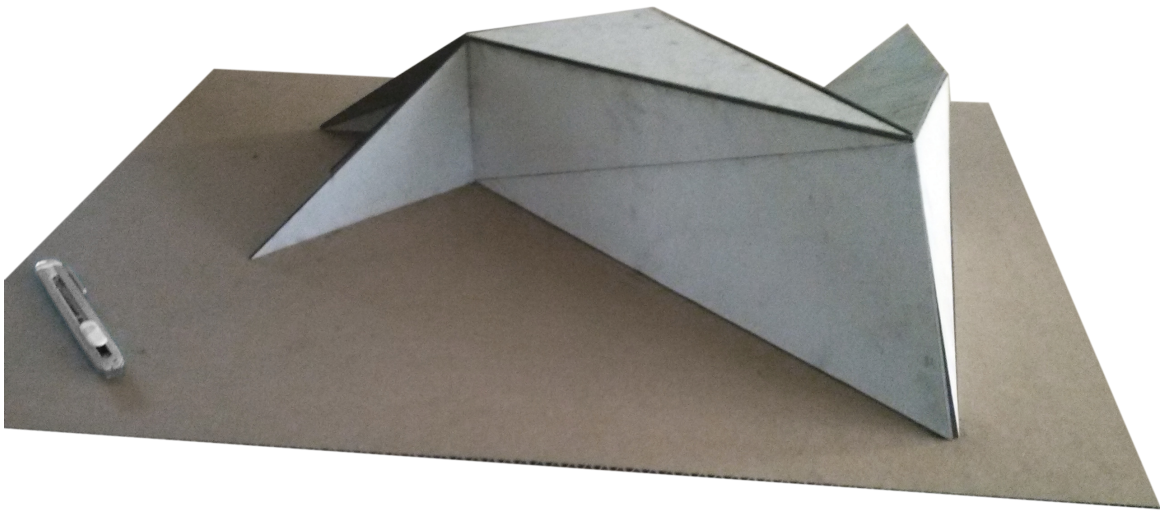
Legenda – Entrada norte | Entrada sul

Fig. 53 – Planta esquemática do interior da instalação. Intendente, Lisboa. Autoria de Diogo Afonso.

Durante este processo que pretendia utilizar estes meios simultaneamente também se procedeu à realização de uma maqueta de estudo para uma primeira impressão de como a instalação se sustentaria em conjunto com a estrutura que estava a ser realizada tridimensionalmente nesta fase de produção. As imagens 54, 55 e 56 representam o modelo realizado, no qual se procedeu ao teste dos matérias, com a tentativa de aproximar os materiais utilizados com a realidade. A maquete

representada à escala 1/50, possibilitou a correção de alguns erros estruturais que posteriormente foram corrigidos tridimensionalmente.





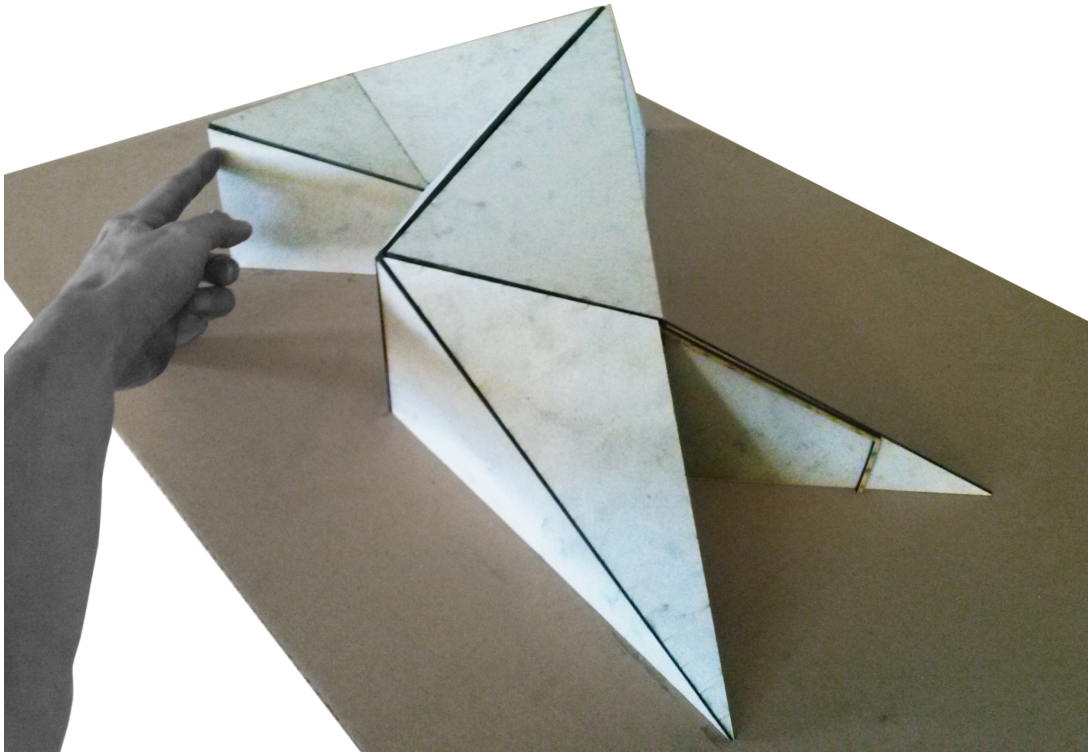


Fig. 54 a 56 – Fotografias da maqueta de estudo à escala 1/50. Intendente, Lisboa. Autoria de Diogo Afonso.

Método de Construção

Nesta fase do projecto contámos com o apoio da Viroc através da cedências das placas que iriam constituir a instalação. Este apoio foi fundamental para a realização do projecto, tendo em conta que disponibilizaram todo o material que foi pedido. O material solicitada era um dos produtos que a Viroc comercializa, mais especificamente, placas Viroc cinza bruto com as dimensões de dois metros e 60 centímetros por 1 metro e 25 centímetros e com espessura de oito milímetros. As imagens 57 e 58 demonstram este material que é um composto por uma mistura de partículas de madeira e cimento. O número de placas disponibilizado foi de 23 que pretendiam juntamente com a estrutura dar forma ao objecto.

De seguida procedemos ao corte das respectivas placas através do apoio do FabLab Lisboa que auxiliaram na fase da marcação das placas de acordo com a concepção anteriormente feita tridimensionalmente. Este planeamento que visava a marcação, o corte e a numeração de placas foi feita essencialmente nas instalações do FabLab Lisboa. O procedimento de corte foi feito manualmente através de uma serra circular.



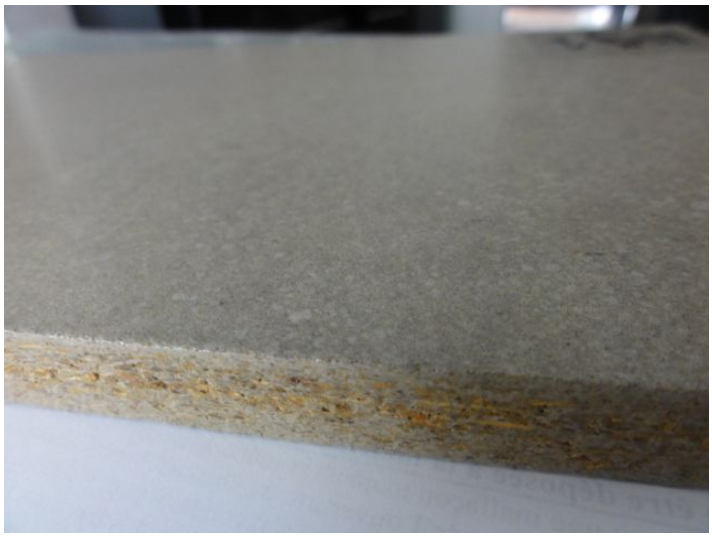


Fig. 57 e 58 – imagens representativas do material Viroc (s.a.).

Simultaneamente a este processo relacionado com o material Viroc, foi desenvolvida a estrutura que iria sustentar as faces que estavam a ser marcadas e cortadas. Esta fase foi a única em que o apoio logístico não foi cedido, partindo assim de um investimento próprio no que diz respeito aos barrotes de madeira: 30 unidades com as dimensões de dois metros e 40 centímetros de altura cada, 7,5 centímetros de largura e 5,5 centímetros de espessura. Relativamente a este material adquirido constam também os elementos que possibilitaram a construção da estrutura, tais como, parafusos e chapas metálicas de ligação. As imagens 59 e 60 são representativas do método de construção que foi utilizado na união dos barrotes de madeira, procedendo primeiramente ao corte dos barrotes para posteriormente uni-los através das chapas e parafusos.

Esta fase de preparação das peças para a montagem da instalação foi a mais demorada, tendo em conta as experiências que foram efectuadas para chegar a um resultado que permitisse garantir a segurança da instalação. Este processo foi sempre auxiliado pelos métodos computorizados que permitiram seguir um maior rigor na concepção à escala real, demonstrando-se num factor importante porque nesta fase não havia forma de testar previamente a construção do objecto devido à falta de espaço. Desta forma, a estrutura de madeira e as placas de Viroc foram trabalhados paralelamente para posteriormente originar a junção no espaço de implementação escolhido no largo do Intendente.




Fig. 59 e 60 – Imagens retiradas do vídeo de observação relativas ao processo de construção da estrutura da instalação. Intendente, Lisboa., 2015. Autoria de João Martins

Como referido anteriormente as placas de Viroc cedidas na totalidade de 23 unidades, correspondia às que tínhamos pedido à empresa, no entanto, a meio do projecto de construção denotou-se que as placas não iriam ser totalmente suficientes em quantidade por erro de cálculo da nossa parte. Desta forma e como o projecto tinha o conceito de ser um projecto constantemente em alteração, este aspecto possibilitou-nos criar e testar várias dinâmicas respectivamente à cobertura da instalação.

O início da construção do projecto no largo do Intendente registou-se no dia 31 de Agosto de 2015, no qual consistiram várias tarefas previamente delimitadas, Inicialmente procedemos ao transporte das placas de Viroc e estrutura que estavam armazenados no último local de trabalhado da fase anterior, num armazém na rua Maria, junto ao largo. Este transporte foi apoiado pela Junta de Freguesia de Arroios que se disponibilizaram durante o projecto para auxiliar nos processo de transporte, seguidamente efectuamos as medições necessárias na área de implementação para dar início à construção. Esta fase do projecto foi possível devido às ajudas e apoios que foram disponibilizados durante este processo através de variadas pessoas, que era um dos objectivos do projecto, o de dinamizar e interagir com as pessoas relacionadas com o projecto que foram cruciais e com a própria população do Intendente, como se observa nas imagens 69 e 70. Nesta fase de construção, a comunidade interagiu com a instalação de variadas formas, ajudando na própria construção que se estendeu durante três dias, dando a opinião sobre o processo e

disponibilizando-se frequentemente para a cedência de ferramentas que facilitassem o processo.



Fig. 61 e 62 – Imagens retiradas do vídeo de observação relativas ao processo de construção da estrutura da instalação. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

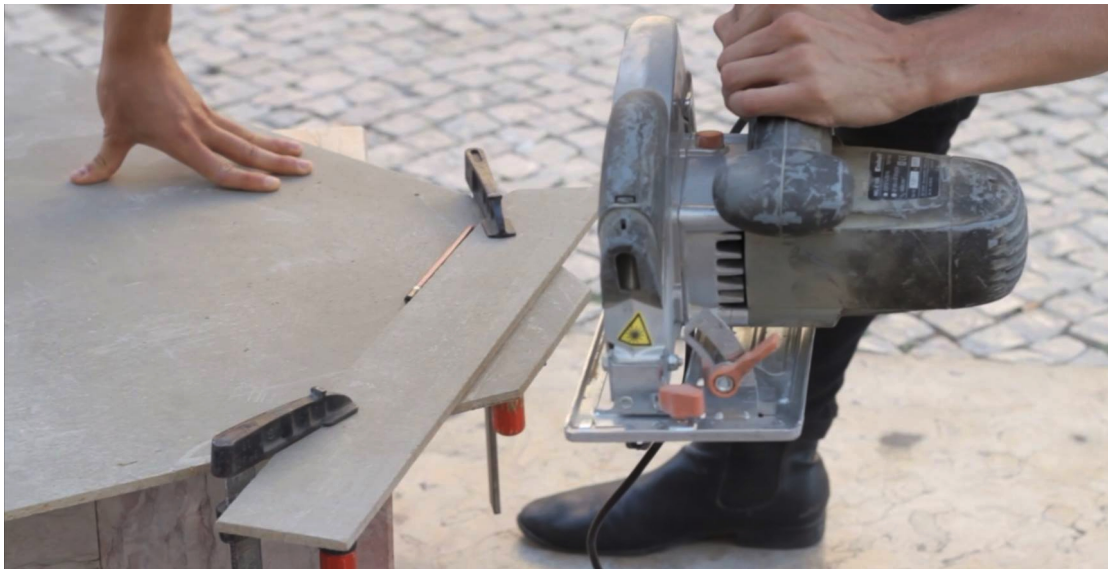






Fig. 63, 64 e 65 – Imagens retiradas do vídeo de observação relativas ao processo de construção da estrutura da instalação. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

Como referido anteriormente a construção estrutural da instalação prolongou-se até ao dia dois de Setembro de 2015, no qual foram aproveitadas as várias fases do dia para construir como demonstram os registos da imagem 66 à 68 .

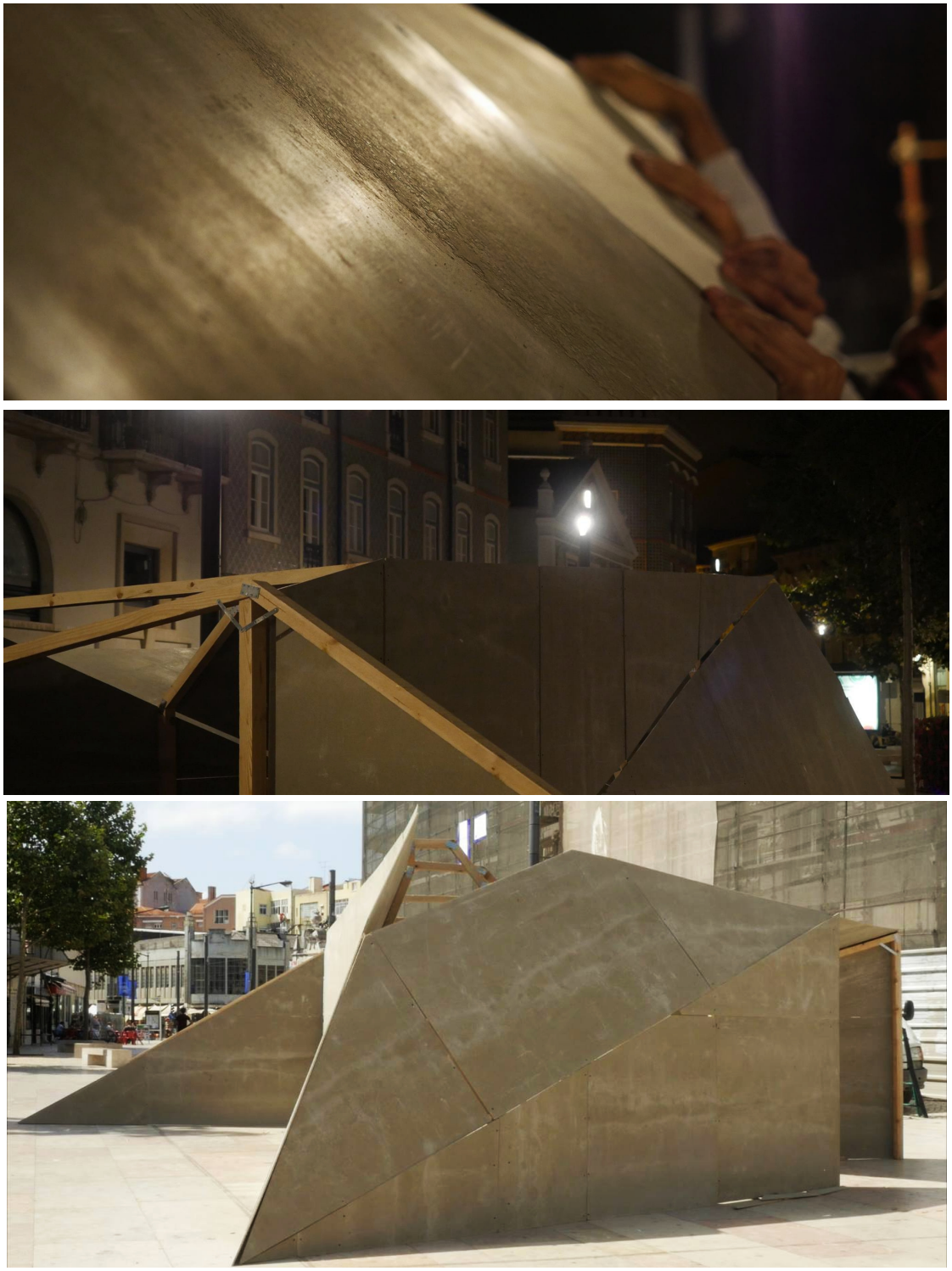


Fig. 66, 67 e 68 – Fotografias relativas ao processo de construção da estrutura da instalação. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins







Fig. 69, 70 e 71 – Fotografias relativas ao processo de construção da estrutura da instalação. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

Os dias referentes a esta fase do processo demonstraram ser importantes em vários aspectos, desde logo pelo planeamento do projecto ter resultado aquando da

construção à escala real e principalmente com as interações sociais que estabelecemos frequentemente com a comunidade, com residentes, trabalhadores, turistas e outros artistas que demonstraram curiosidade e trocaram alguns ensinamentos que foram úteis ao processo.

Apesar da fase de construção ter sido encarada como um processo contínuo e constante até ao último dia instalação, considerámos terminar este processo e dar prioridade a outros processos que se seguiriam que iriam oferecer dinâmicas a nível conceptual e formal a este espaço.

Interações espaciais e sociais – Workshop com crianças | Desenho analógico

O dia três de Setembro de 2015 coincide com o dia de inauguração da instalação, em que objectivamente entrariam em cena as interações espontâneas mas também as interações formais e conceptuais previamente faladas para serem testadas no espaço. Em relação às interações previamente abordadas ofereceram ao objecto uma nova dimensão, que neste caso era pretendida até ao último dia, o conceito de interagir com pessoas a vários níveis. Estas dinâmicas referidas foram criadas por duas pessoas, neste caso, primeiramente através de Madalena Garnier Marques que planeou um workshop com crianças na instalação e posteriormente através de Diogo Malanho que explorou conceitos relacionados com o desenho analógico.

Relativamente ao trabalho realizado com a Madalena Garnier Marques foi através de uma ideia sugerida, neste caso pela orientação da Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa e concordámos de imediato em inserir esta interação no plano de actividades da instalação. O workshop dividiu-se em dois dias e foi realizado para as crianças pertencentes a Jardins de Infância e Escolas situadas perto da zona do Intendente, nas quais as idades variavam entre os seis e os dez anos de idade. O workshop decorreu nos dias três e quatro de Setembro e propunha oferecer interações sociais e conceptuais com crianças através do objecto construído. Neste âmbito o workshop propunha, através de vários elementos como o desenho, a utilização do corpo, percursos e reflexões espaciais, interagir com as crianças e que contou com a autoria da Madalena Garnier Marques que durante estes dois dias se disponibilizou a intervir no objecto com um processo mais relacionado com a sua profissão, como se observa da imagem 72 à 81.

Na sequência do projecto realizámos uma entrevista com a autora do workshop, Madalena Garnier Marques, na qual tentámos perceber qual tinha sido o balanço final desta interação, na sua perspectiva:

Que mais valias trouxeste para o projecto tendo em conta a tua actividade profissional fora do contexto comunidArte.

Madalena Marques: O meu trabalho centra-se essencialmente em Serviços Educativos, o que geralmente implica explorações várias a partir de um ponto de partida, provocando desconstrução, descoberta, questionamento, raciocínio, curiosidade, acabando por levar os participantes à construção de conhecimento e significado segundo a experiência vivida. Assim sendo, penso que os grupos de alunos que estiveram expostos a esta proposta de exploração da instalação comunidArte ganharam novas perspectivas pela relação com a obra, que dificilmente aconteceria fora do contexto organizado.

Como descreves a experiência que elaboraste com as crianças no Workshop, como o conceito e os objectivos que pretendias alcançar.

Madalena Marques: O objectivo era que olhassem de facto para o objecto que tinha "aterrado" no largo, com tempo e de várias formas.

A oficina com o nome Aterrou uma criatura no largo..., começou por um livro chamado Popville que nos falou sobre arquitectura, sobre edificação, sobre casas e cidades.

Várias perguntas charneira, surgiram: Quem habita – o nosso corpo, o largo, a cidade, as ruas, os edifícios? O que é arquitectura? Para que servem os edifícios? As construções?

De seguida, no papel de exploradores, fomos ao largo tentar entender a estrutura/bicho, através do desenho e do corpo.

Novas perguntas surgiram: O que é? De onde vem? Para onde irá? Que sons terá? Como se mexerá? O que nos quererá dizer?

E por fim passámos à parte de exploração espacial e corporal entre a comunidArte e cada criança. Usámos o nosso corpo como uma fita métrica, uma lupa, como uma caixinha para recolher informação. E os exercícios propostos foram os seguintes:

- Entrem por um lado e encontramo-nos do outro.

- Agora ao contrário. (Viram a mesma coisa, a mesma sensação?)

- Damos uma volta à estrutura

- Entramos 1 a 1

- Entramos 2 a 2 como se fossem gémeos siameses

- Cada um escolhe um lugar

- Ficamos de braços esticados

- Se sussurrarmos contra as paredes que sons ouvimos?

- Sentamo-nos no chão, lá dentro

- Damos as mãos e damos a volta ao objecto

- Encostamo-nos às paredes do lado de fora

- Imitamos esta criatura

- E se ela se mexesse?

- Somos os braços e as pernas desta estrutura

- Criamos uma coreografia. No fim, conversámos sobre tudo o que aconteceu.

Que reações, relacionadas com o obecto, destacas por parte das crianças, como por exemplo, forma, vivências..

Madalena Marques: As crianças em geral reagiram bastante bem. As respostas que dão e as perguntas que levantam são muito pertinentes. Foi muito curioso vê-los a desenhar perspectivas em cima de perspectivas, a contornar a instalação, de longe, com o dedo indicador e claro, vê-los a dar vida à estrutura através da invenção de extensões – braços e pernas - criadas a partir dos seus próprios corpos.

Gostarias de ter realizado outras interações/ideias com as crianças e o objecto mas por outros motivos não te foi possível.

Madalena Marques: Claro que é sempre mais interessante poder desenvolver várias vezes a mesma sessão. Fica mais apurada e mais rica. Teria gostado que tivesse havido um plano de acção para que a oficina pudesse chegar a mais crianças e escolas. De qualquer forma é sempre muito interessante e importante a contemplação de iniciativas educativas em objectos efémeros.

.



Fig. 72 a 73 – Imagens retiradas dos vídeos de observação relativas ao Workshop realizado com crianças por Madalena Garnier Marques. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins







Fig. 74 a 75– Fotografias e imagens retiradas dos vídeos de observação relativas ao Workshop realizado com crianças por Madalena Marques. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins



Fig. 76, 77 e 78 – Fotografias e imagens retiradas dos vídeos de observação relativas ao Workshop realizado com crianças por Madalena Marques. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins



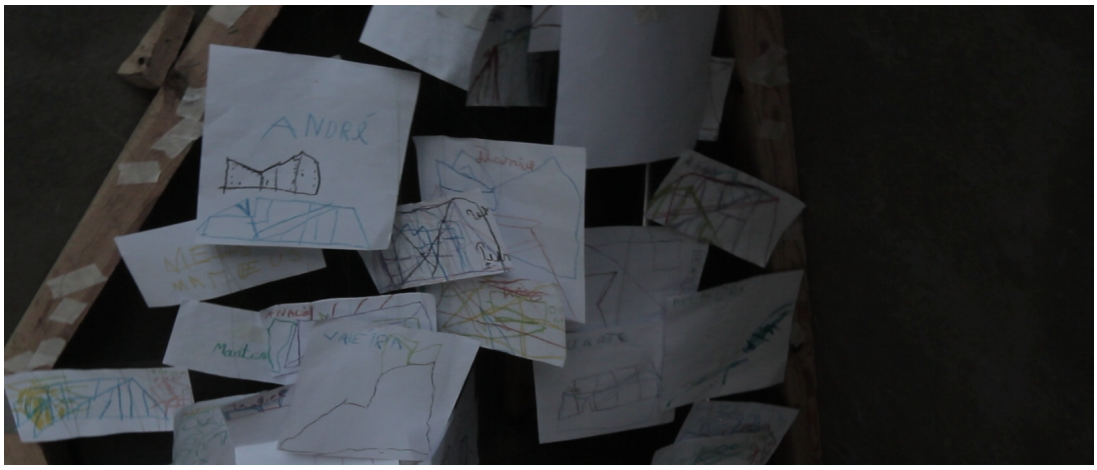




Fig 79 a 81 – Fotografias e imagens retiradas dos vídeos de observação relativas ao Workshop realizado com crianças por Madalena Marques. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

Após a realização do workshop as reações e as apropriações observadas vieram dar início a um factor que iria transformar-se relevante nos restantes dias de actividade da instalação. As imagens referentes a esta actividade que decorreu demonstram que a interação entre o objecto e as crianças gerou vários aspectos de análise que também foram recolhidos directamente através da opinião das crianças sobre o projecto.

No dia quatro de Setembro após o processo anterior ter terminado, deu-se início a outra interação previamente abordada e que foi da autoria de Diogo Malanho. Esta actividade propunha inicialmente uma interpretação por parte do autor que se relacionasse com o objecto, neste caso, interagindo a nível espacial com recurso ao desenho analógico. Numa fase inicial, este desenho analógico após estar concluído iria ser complementado por um desenho digital utilizando o processo *Video Mapping,* no entanto devido a algumas autorizações que eram necessárias e demorosas de obter para a realização deste tipo de actividade num espaço público como o largo do Intendente, tivemos de excluir essa parte do processo do autor.

Este processo foi realizado com base no conceito anteriormente referido que aborda este projecto como algo em constante mudança devido essencialmente às interações de que é alvo, desta forma os dias restantes foram sendo utilizados para a evolução natural do processo. Estes dias foram especificamente do dia quatro até ao dia oito de Setembro, data do último dia da instalação no largo do Intendente. As seguintes imagens demonstram a primeira fase do processo relacionado com o desenho analógico idealizado por Diogo Malanho.





Fig. 82 e 83 – Imagens retiradas dos vídeos de observação relativas ao processo do desenho analógico de Diogo Malanho. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

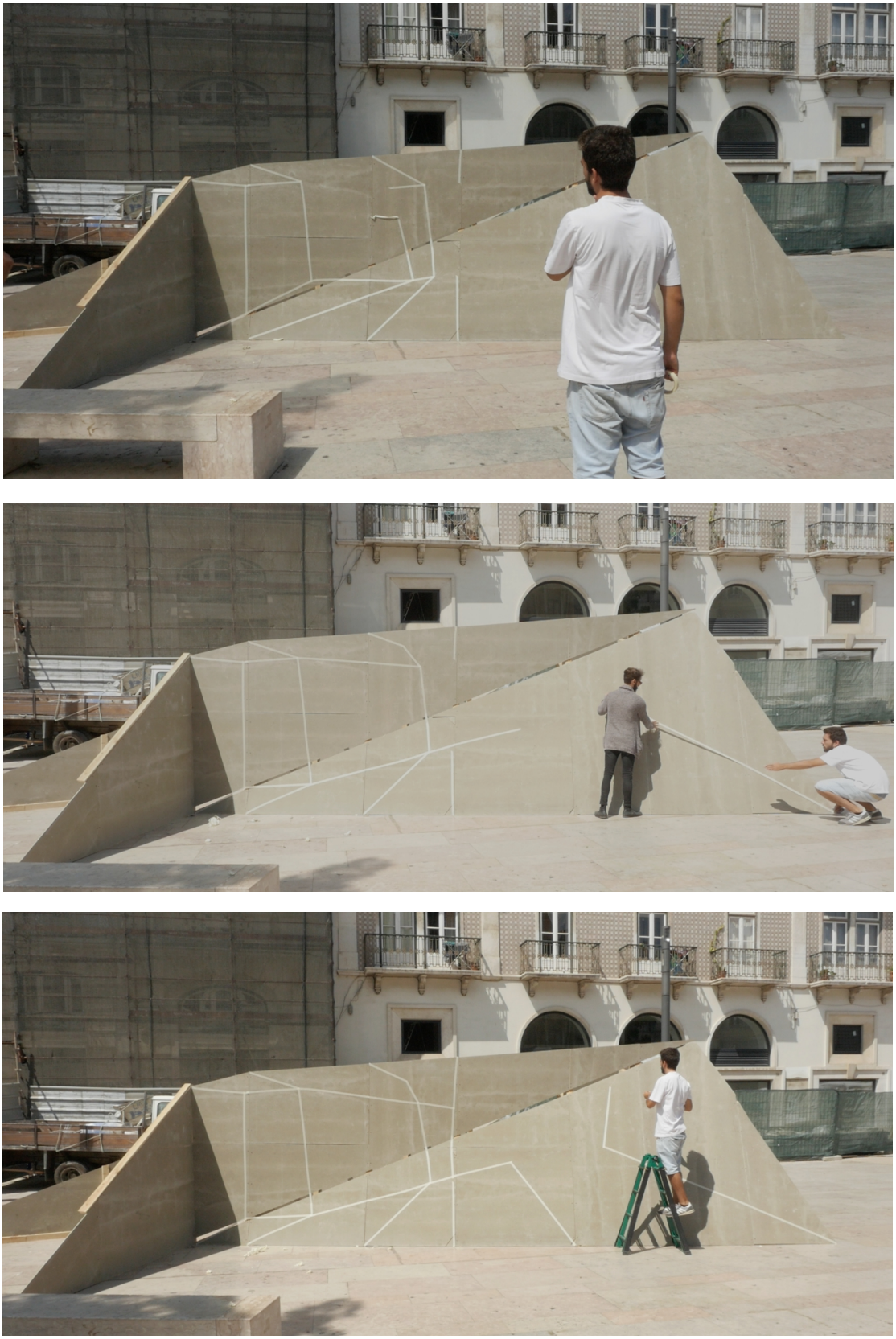


Fig. 84 a 86 – Imagens retiradas dos vídeos de observação relativas ao processo do desenho analógico de Diogo Malanho. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins



Fig. 87 – Imagem retirada dos vídeos de observação relativas ao processo do desenho analógico de Diogo Malanho. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

De seguida o processo continuou através do preenchimento de determinadas perspectivas criadas, com pintura em tinta preta, processo que iria complementar o a fase anterior originando a conclusão do desenho analógico na fachada este do objecto. As metodologias utilizadas pelo autor nesta primeira fachada relacionam-se com o trabalho que o Diogo Malanho tem vindo a desenvolver a nível pessoal que aborda a interpretação de espaços através do desenho analógico que depois é complementado por *Video Mapping* As ferramentas utilizadas neste projecto específico foram: adesivo branco, tinta preta e pincel. O adesivo serviu para replicar as perspectivas que o autor idealizou e que interpretou no objecto, essencialmente possibilitar a visão do interior da instalação às pessoas que passassem apenas no exterior e estabelecessem contacto visual com a intervenção artística do Diogo. A tinta preta, como já foi referido anteriormente, viria preencher certas partes específicas do desenho com o objectivo de criar a interação visual pretendida. O último momento relativo a esta metodologia utilizada, diz respeito à remoção do adesivo branco que serviam essencialmente como um guia neste processo.

O desenho analógico foi um processo que durou praticamente até ao último dia da instalação e foi durante esses dias que a fachada norte e uma outra face correspondente à fachada este foram intervencionadas como demonstram as imagens, mais à frente, 84 a 93.A segunda fase do processo analógico, mais

propriamente, a pintura e posterior remoção da fita é observável nas seguintes imagens, 88 a 93 :



Fig. 88 a 90 – Imagem retirada dos vídeos de observação relativas ao processo do desenho analógico de Diogo Malanho. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins







Fig. 91 a 93 – Imagem retirada dos vídeos de observação relativas ao processo do desenho analógico de Diogo Malanho. Intendente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins

2.4. Fotografias do projecto “comunidArte”





Fig. 94 e 95 – Fotografias do projecto “comunidArte”. Indentente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Ana Magro





Fig. 96 e 97 – Fotografias do projecto “comunidArte”. Indentente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Ana Magro





Fig. 98 e 99 – Fotografias do projecto “comunidArte”. Indentente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Ana Magro





Fig. 100 e 101 – Fotografias do projecto “comunidArte”. Indentente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Ana Magro





Fig. 102 e 103 – Fotografias do projecto “comunidArte”. Indentente, Lisboa, 2015. Autoria de João Martins e Ana Magro

2.5. Considerações finais

O conceito inerente ao projecto “comunidArte” tinha como um dos principais objectivos, analisar e vivenciar a reação das pessoas para com a intervenção. As especificidades da intervenção pretendiam relacionar-se com as reações das pessoas, de forma a perceber, os aspectos que eram condizentes com as reações esperadas e os aspectos que eram alterados, pelas pessoas, relativamente à concepção.

Esta fase do projecto pretendia observar dois momentos, mais especificamente, durante a própria construção da instalação no largo e após esta ficar concluída. Num primeiro momento, as interações sociais foram mais denotadas, tendo em conta que obrigavam a uma presença constante no sítio. A fase de construção estendeu-se entre os dias um e três de Setembro e consequentemente, este espaço de tempo permitiu recolher opiniões directamente em contacto com as pessoas.

As primeiras conversas estabelecidas, neste período de tempo, demonstraram-se uma mais valia por terem sido feitas com os grupos de pessoas alvo do projecto. As abordagens tinham um carácter diferenciado entre estes vários grupos, no entanto, foi possível encontrar algumas semelhanças entre eles.

As questões feitas pelos variados grupos de pessoas tinham em comum num primeiro instante, perceber do que se tratava o projecto e para que servia em termos formais. Este primeiro aspecto resultou positivamente para o projecto, dado que tinha sido estabelecido numa fase inicial que a intervenção não teria uma função pré-destinada ou que remetesse as pessoas para um determinado uso.

A aproximação à intervenção e o contacto directo com esta, tornou-se mais facilitado enquanto decorria a fase da construção, por parte das pessoas que atravessam regularmente o largo do intendente. Relativamente aos turistas e às pessoas que percorriam o largo pela primeira vez, denotou-se alguma normalidade no momento da observação, tendo em conta que o próprio largo também se assumia como um novo elemento, no qual se sentiu também devido a este factor, uma integração com os elementos que circundavam a intervenção.

O segundo momento de observação, tem características diferentes do anterior, como o facto de não estar ninguém responsável pela instalação ao redor desta. Este

aspecto permitiu observar as dinâmicas da intervenção com as pessoas sem a filtragem do primeiro momento. Nesta fase, as interações eram mais desinibidas e com maior duração de tempo útil. As dinâmicas observadas com maior relevância, durante este momento, foram proporcionadas pelas crianças. O percurso que o largo do Intendente oferece às pessoas, através desta instalação, permitia com que as crianças acompanhadas por adultos ou, no caso dos residentes, acompanhadas por outras crianças, pudessem desfrutar de um espaço que podiam percorrer e que tinha um impacto diferente para estas, também devido à proporcionalidade de alturas.

A maior interação da instalação com as crianças foi observada através de várias actividades, tais como, o atravessamento constante e repetitivo, a correr, de patins, de skate, entre outros. De uma forma geral, as maiores interações foram verificadas com crianças pertencentes aos vários grupos alvo, nos dois momentos registados no largo, a construção e o pós-construção.

Durante esta fase de observação existiram variados elementos que se modificaram devido à presença do objecto no largo, entre eles, os percursos. Anteriormente referidos, os percursos também foram observados numa fase prévia à instalação, tendo em consideração os caminhos preferencialmente escolhidos pelo público, que iam variando consoante a pessoa em observação, neste caso, turistas, habitantes ou trabalhadores. Apesar dos percursos demonstrarem um carácter variado, o sítio de implantação da instalação coincide com a zona que registou maiores afluências, essencialmente de percursos. Esta usual afluência no sítio continuou a verificar-se, no entanto alteraram-se certos percursos que normalmente eram feitos devido ao objecto que procurava manter a afluência oferecendo outras opções, dentro das quais o próprio percurso criado pela instalação.

Os percursos alteraram-se mediante as entradas no largo, neste caso, como demonstra a imagem 26, os caminhos que frequentemente tinham relação com a zona de implantação eram os que tinham origem a partir da avenida Almirante Reis, ou seja, as entradas norte e sul do largo. As pessoas que entravam no largo através destas entradas e que percorriam o largo pelas linhas traçadas na imagem passaram a ter a hipótese de optar entre três percursos diferentes devido à instalação, mais especificamente, pelo percurso interior da instalação, pela fachada poente e pela fachada nascente.

O percurso exterior feito pela fachada nascente, após o início da intervenção do Diogo Malanho foi o mais utilizado, dado que era onde se passava a maior parte da ação. Durante esta fase da intervenção na fachada denotou-se um maior contacto com o público em geral, essencialmente originado pela curiosidade das pessoas que nos abordavam para perceber do que se tratava a intervenção. Durante estes dias através dos percursos que as pessoas faziam no largo foi possível observar que nem todos os caminhos utilizados permitiam uma visão geral sobre a instalação, ou seja, registámos que algumas pessoas passavam apenas no exterior da instalação, neste caso pela fachada poente e que mais tarde durante o dia abordavam-nos afirmando que não sabiam que o desenho demonstrado na imagem 103 existia. No entanto um dos propósitos da instalação e do próprio desenho era criar essa interactividade com as pessoas à medida que se ia percorrendo ao redor do objecto. A integração da intervenção do Diogo no projecto veio realçar esse elemento que pretendíamos explorar, que era o de através das várias perspectivas criadas simular de uma forma abstracta o interior da instalação, nomeadamente através de vários ângulos e enquanto se percorria a instalação era possível visionar diferente espaços.

Os bancos situados em frente ao desenho estabeleciam uma ligação conceptual com a concepção formal da instalação, na qual registámos que o público se serviu dos bancos para observar primeiramente o processo que foi feito e posteriormente o resultado final, utilizados também maioritariamente pelos pais que traziam crianças e se sentavam enquanto estas interagiam com a instalação.

Relativamente aos percursos observados na fase prévia à instalação, denotámos algumas diferenças: primeiramente durante a construção os caminhos eram maioritariamente ao redor da instalação, tanto pelas pessoas que utilizavam o largo como local de passagem como pelas pessoas que permaneciam no sítio durante mais tempo. Em relação a este segundo grupo de pessoas, o factor que diferenciava do primeiro grupo relacionava-se com uma posterior aproximação às pessoas que estavam a colaborar neste projecto. Após esta aproximação tornava-se mais frequente as pessoas percorrerem a instalação e experienciar o próprio percurso que o objecto propunha como alternativa. Seguidamente a esta fase de construção e durante os dias em que a instalação esteve exposta, a interação a nível pedonal e táctil foi crescendo, experiências estas que fomos registando em vídeo e *in loco.*

Apesar do percurso interior ter sido experienciado por mais pessoas ao longo dos dias, desde o início se registaram interações com crianças através da utilização deste percurso interior com recurso a patins, skate, correr, esconder entre outros. Principalmente as crianças demonstraram mais e uma maior dinâmica na interação com a instalação desde a fase de construção até à desmontagem final.

A realização desta investigação, tanto a nível de análise como posteriormente numa fase projectual permitiu-me uma melhor compreensão dos temas que envolvem a Arte Pública, tal como a influência que os espaços públicos exercem nas zonas urbanas.

As interações e as dinâmicas criadas de uma forma constante nos espaços públicos tornam-se numa mais valia a vários níveis, primeiramente relacionado com a comunidade que reside ao redor deste espaços, posteriormente através da relação com as pessoas que os visitam, como por exemplo os turistas e finalmente a um nível mais abrangente, contribuem para um funcionamento adequado à escala humana.

A possibilidade de intervir num espaço público, neste caso o largo do Intendente, foi uma experiência muito enriquecedora, não apenas pela possibilidade de materializar o conceito da investigação mas, acima de tudo, com o contacto estabelecido diariamente com as pessoas.

Este contacto permitiu-me adquirir conhecimentos para os quais estava sensibilizado mas que ainda não tinha experienciado a um nível formal, no qual se inserem as análises prévias realizadas, assim como todo o processo de projecto. As análises ao sítio permitiram estabelecer novos conhecimentos, essencialmente com residentes e trabalhadores da zona do Intendente que possibilitaram um maior conhecimento sobre o largo e quais as características que o definiam, através da perspectiva destas pessoas.

Apesar do intuito da instalação ser previamente sem um uso definido para que as pessoas se apropriassem do espaço espontaneamente, o contacto directo pré e pós intervenção permitiu a percepção de que é fundamental estabelecer um contacto directo e diário com as pessoas que irão usufruir do espaço e que sempre lidaram com o sítio da intervenção. Esta aproximação à comunidade, através de conversas e convivência frequente é benéfica para o desenvolvimento do projecto e permite que se cometam menos erros durante a fase projectual.

Após a intervenção ter sido realizada, observei que, de facto, este tipo de ações no espaço público têm a capacidade para gerar variadas interações sociais, a nível visual e, podendo-se tornar parte activa na rotina do quotidiano. Tal como estas ações influenciam e potenciam os espaços urbanos a vários níveis, também os elementos que são parte integrante do espaço público podem ganhar novas dinâmicas, privilegiando a mutação nos espaços com este carácter.

Através da metodologia utilizada, que propunha uma interação mútua entre o audiovisual e o projecto, foi possível entre vários aspectos, uma observação mais minuciosa de afluências, tendências, interações sociais, aspectos meteorológicos que enquanto decorria o processo não eram observáveis de uma forma tão clara. Posteriormente e assumindo-se como um elemento importante deste processo, foi a utilização destas dinâmicas observadas em vídeo no filme que tem o objectivo de transmitir uma visão própria do projecto desde o início até à conclusão. Esta vertente do cinema em sintonia com a arquitectura permitiu demonstrar o projecto de uma forma distinta aquando da vivência do próprio objecto. Seguindo esta lógica, o filme tenta oferecer a vivência do projecto a quem não o presenciou, explorando aspectos sensoriais na tentativa de alcançar o efeito desejado.

Observando o espaço público como um espaço permanente, este necessita tal como o ser humano de interações para viver, por exemplo de carácter social, de projectos efémeros entre outras activdades que têm a capacidade de dinamizar um espaço e consequentemente lhe dão vida. Pretendeu-se expolorar questões relacionadas com o contexto da reablitação de um espaço público, neste caso o largo do Intendente, através do método do projecto comunidArte. As questões abordadas são semelhantes na maioria dos espaços com estas características, possibilitando assim a aplicação deste método noutros espaços, apesar disto a preserverança e o lidar com as vicissituddes do lugar são fundamentais para um resultado mais específico.

Bibliografia

Africana, L. (2015). Obtido de http://lisboaafricana.com/2015/06/01/lisboa-mistura-o-mundo-no-intendente-17-21-jun-2015/

Chauvet, A. (1981). *http://www.tate.org.uk/.* Obtido em Fevereiro de 2014, de http://www.tate.org.uk/: http://www.tate.org.uk/context-comment/articles/gallery-lost-art-richard-serra

Cidades Paralelas. (2012). *Cidades Paralelas*. Obtido em 28 de 08 de 2015, de Facebook: https://www.facebook.com/cidadesparalelas?fref=ts

Harding, D. (1997). *Decadent: Public Art - Contentious Term and Contested Pratice.* Glasgow: Glasgow School of Art.

Kwon, M. (2002). *One Place After Another: Site Specific Art And Locational Identity.* Massachusetts: MIT Press.

Largo Residências. (2011). Obtido de https://www.facebook.com/LARGOResidencias?fref=ts

Left Hand Rotation. (Setembro de 2011). *http://www.lefthandrotation.com/.* Obtido em Fevereiro de 2014, de http://www.lefthandrotation.com/museodesplazados/ficha_luz.htm

Lynch, K. (1982). *A Imagem da Cidade.* Lisboa: Edições 70.

Maps, G. (s.d.). *www.google.pt*. Obtido em 2015, de https://www.google.pt/maps/place/Largo+do+Intendente+Pina+Manique, +Lisboa/@38.7205774,-9.1353127,557m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1! 1s0xd1933858fb40bb1:0xf5cf5f0d1041a285?hl=en

Picasso, P. (1928). *http://www.all-art.org/.* Obtido em Fevereiro de 2014, de http://www.all-art.org/: http://www.all-art.org/art_20th_century/picasso10.html

Regatão, J. (2007). Arte Pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano. Lisboa: Bond Books on Demand.

s.a. (Setembro de 2011). *http://www.lefthandrotation.com/.* Obtido em Fevereiro de 2014, de http://www.lefthandrotation.com/: http://www.lefthandrotation.com/museodesplazados/ficha_luz.htm

s.a. (Abril de 2007). *www.frieze.com.* Obtido em Fevereiro de 2014, de www.frieze.com: https://www.frieze.com/issue/review/hans_haacke/

s.a. (s.d.). Obtido em 2015 de http://media1.forumconstruire.com/photo/large/829136.jpg

s.a. (s.d.). www.*1000Thingsnyc.com*. Obtido em 2015 de, http://www.1000thingsnyc.com/group-of-four-trees/

Steed, H. (2007). Obtido de www.pbase.com: http://www.pbase.com/hjsteed/image/85151187

Vasconcelos, J. (s.d.). *www.joanavasconcelos.com*. Obtido de http://joanavasconcelos.com/det.aspx?f=2432&o=2195

Whyte, W. (1980). *The Social Life of Small Urban Spaces.* Nova Iorque: Conservation Foundation.

Anexos

Entrevista João Martins:Câmara, Colaborador do filme e do projecto

Que mais valias trouxeste para o projecto tendo em conta a tua actividade profissional fora do contexto *comunidArte*.

João Martins: O projecto *comunidArte* foi-me apresentado por ti e vi como um desafio porque no início foram apresentadas poucas restrições e resultava de certa forma como algo ambíguo, na medida em que o conceito em relação ao vídeo não estava bem definido o que acabou por resultar em algo desafiante, tendo em conta, que como profissional da área e trabalhando nos meios como a televisão que são trabalhos mais formatados, o surgimento desta proposta fez sentido porque vinha romper um pouco com o meu trabalho diário. Nesta fase inicial, o facto de não termos um storyboard e andarmos um pouco à procura do que poderia ser o vídeo foi um pouco mais complicado mas à medida que fomos avançando e tu me foste dizendo quais eram os objectivos, apoiados também em algumas referências audiovisuais o conceito foi-se solidificando.

Sempre houve uma liberdade muito grande no trabalho, dado que estava a trabalhar com um amigo e fomos sempre filmando de acordo com os meus prazos devido ao meu trabalho.

Quando me desafiaste o que pensei que poderia dar ao projecto, era primeiramente, a técnica de saber filmar, aproveitar o projecto para introduzir ideias que possa nunca ter aproveitado previamente, e como se verificou estive sempre à vontade para experimentar ideias novas, nas quais se aproveitaram algumas e outras nem tanto mas que faz parte deste tipo de processos. Outras também que não estávamos à espera que pudessem resultar e acabaram por ser aproveitadas de outras formas. Nesta altura, quando isto se começou a perceber, senti que o desafio tinha sido alcançado, ou seja, através do nosso trabalho de equipa neste processo de vídeo e das constantes avaliações do que íamos fazendo e das experimentações que desencadeámos, foi quando comecei a perceber que iria resultar em algo bastante positivo.

Através da técnica de filmar sentiste que aprendeste algo novo, através das experimentações que fomos realizando

João Martins: Os meios que tínhamos não eram os melhores, era o meu material que não são de todo meios muito eficientes para fazer aquilo que eu tinha pensado fazer mas dentro desses meios, penso que fizemos um bom trabalho, penso que

consegui introduzir ideias que nunca tinha experimentado e outras que já tinha experimentado devido a essa liberdade que tivemos ao longo do projecto . Este tipo de projectos, na minha área, acabar por ser como um renascimento porque te permite ires buscar conteúdos que já estavam "adormecidos", tendo em conta que no meu trabalho diário não tens essa liberdade de criação devido aos prazos e onde existe um controlo muito diferente sobre um determinado trabalho.

Relativamente à tua reação e das próprias pessoas que viram o vídeo até este momento, achas que o que procuramos criar e a mensagem transmitida alcançou os nossos objectivos.

João Martins: Dado os meios que tivemos e tendo em conta as minhas e as tuas noções de edição penso que criámos um projecto consistente e falando outras vez dos meios que tínhamos, até porque ao realizar um trabalho tento sempre ter em conta o orçamento, os meios, o tempo e de como este se relacionam com o produto final e tendo uma perspectiva geral após ter terminado fiquei bastante satisfeito com o que fizemos. Como participei no projecto de uma forma directa e pessoal ainda não consigo separar e olhar para o filme como algo alheio mas a noção que as pessoas me têm dado é positiva. Os pormenores que tentámos transmitir e que provavelmente não são visíveis a olho nú, apesar de eu pensar que as pessoas não os identificaram todos mas tenho a consciência que eles têm um papel determinante para a qualidade geral do filme e funcionam como um todo.

Apesar deste projecto ter servido como um teste em busca de um método que possa ser feito noutros locais com outros objectivos, pensas que um próximo projecto através deste conceito poderá alcançar outras metas.

João Martins: Penso que sim, aprendi algumas coisas contigo e ao teres uma visão em certa medida "fora da caixa", o caminho do projecto estava essencialmente idealizado por ti mas que apesar de tudo como tinhas dito nem sempre o conseguiste transmitir-me mas ajudou o facto de já te conhecer e ao longo do processo fui percebendo melhor o que querias fazer. Num próximo projecto, provavelmente já seremos mais regrados o que não significa que tenha menos valor, no início confesso que não foi bom para mim porque trabalhava e ao sair quando procurava pensar em aspectos para o filme tinha poucas referencias para me agarrar. À medida que fomos tendo filmagens e tu tentaste fazer algumas experiências na edição para me mostrar veio mudar de alguma forma o rumo, dado que foi nessa altura que comecei a perceber para onde poderíamos ir. Por isso eu

digo que foi importante essencialmente para mim ensinar-te algumas noções de edição para tu te exprimires através do conteúdo que já tínhamos, porque através do diálogo não era um conceito fácil de transmitir. Em relação ao vídeo introduzi alguns aspectos que de acordo com a minha experiências percebi que poderiam resultar como é o exemplo dos *time lapse*, ganhando tempo de vídeo e possibilitando também momentos de reflexão.

Tendo em conta todos os meios e os aspectos que envolveram o projecto, farias algo de diferente? O quê?

João Martins: Penso que agora como já consigo ter uma noção mais clara daquilo que se pretende, tentava arranjar meios e caso não conseguisse, tentaria filmar de uma forma não tão anarca mas com mais precisão. A melhor maneira para trabalhar neste método tem a ver com um misto de duas filmagens, neste caso as de observação e as do filme. Se futuramente trabalharmos nos mesmos moldes, penso que continuaremos a ser livres na medida do conceito do filme mas que a determinada altura essa experimentação dentro no conceito foi um pouco prolongada, algo que penso que poderá melhorar bastante. Em relação aos prazos da própria instalação e de questões logísiticas como eram extra ao meu trabalho de vídeo, não me sentia numa posição para agir mas foi algo que achei normal num projecto de Dissertação de Mestrado e que penso, que ao acompanhar essas peripécias ao longo do tempo, lidaste de uma forma positiva com os problemas e nunca duvidei que a instalação iria acontecer e daí também nunca ter duvidado apesar dos vários contratempos que o filme iria ser terminado.

Fotografias da maqueta – Escala 1/200

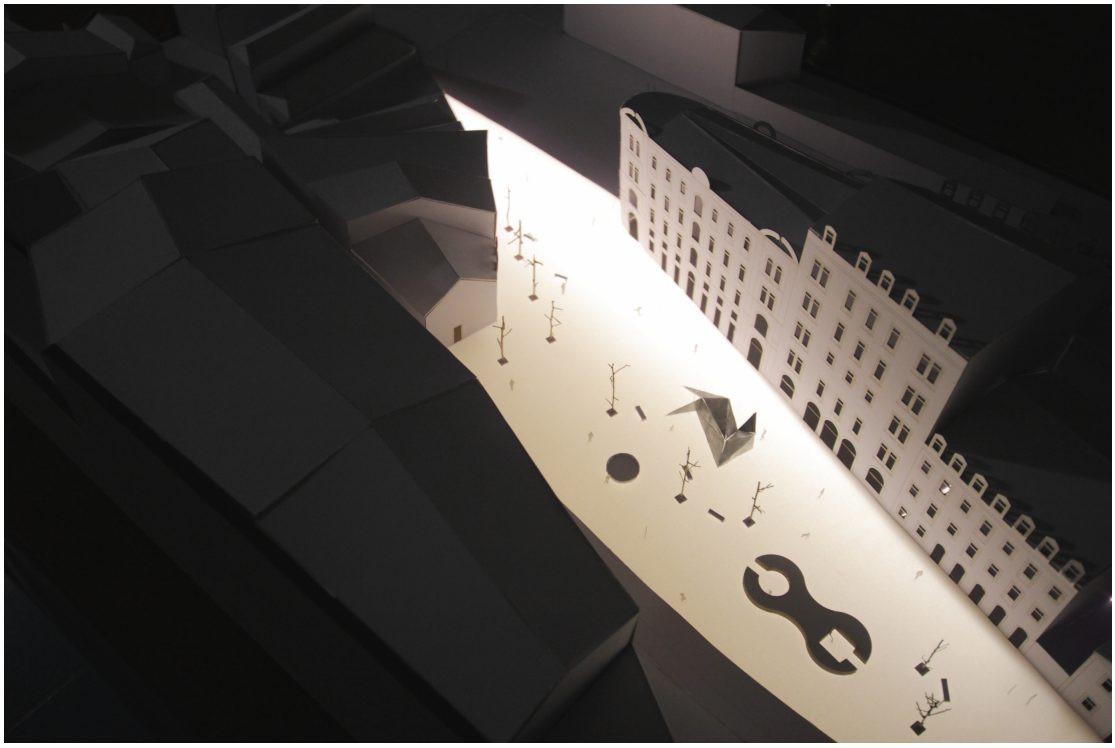
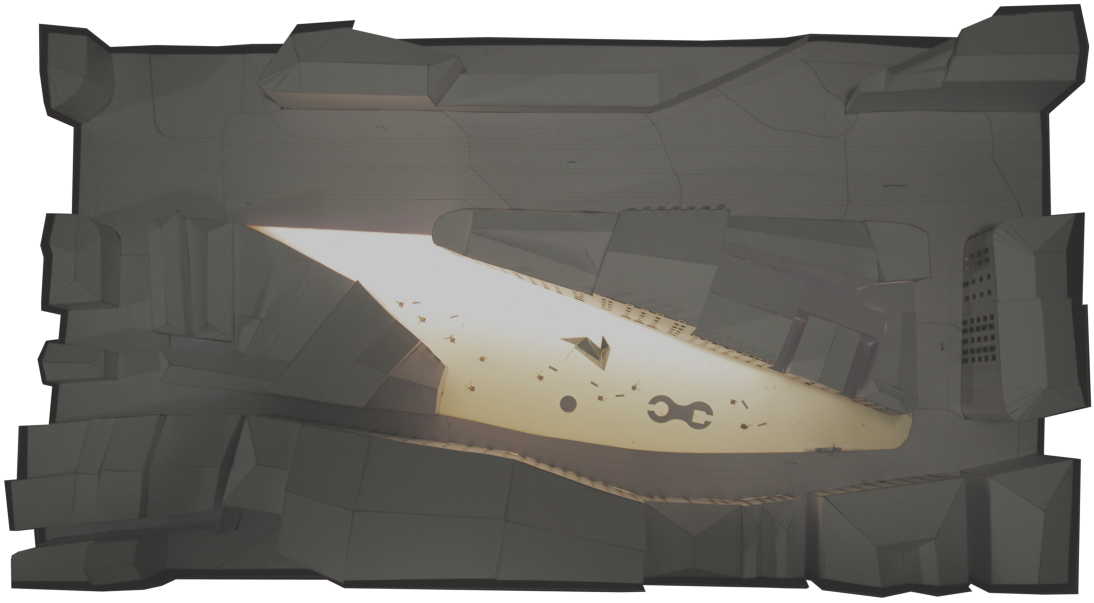




Fig 104 e 105 – Fotografias da mqueta do projecto *comunidArte.I*ntendente, Lisboa, *2015. Autoria de Diogo Afonso*



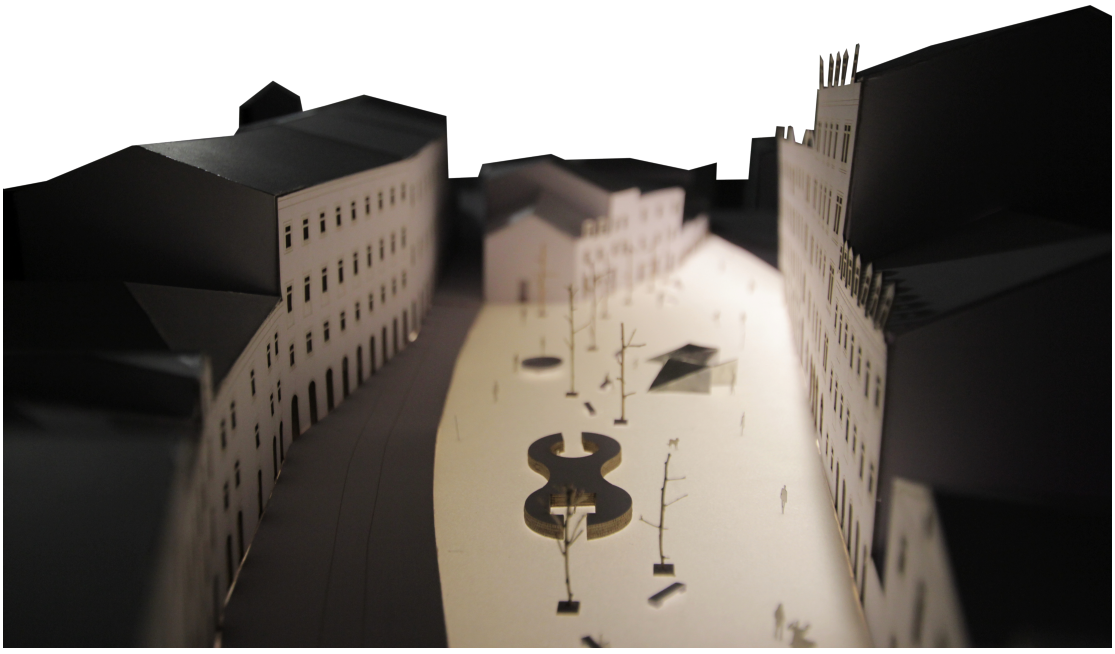


Fig 106 e 107 – Fotografias da maqueta do projecto *comunidArte*. Intendente, Lisboa , 2015.. Autoria de Diogo Afonso

Na sequência do projecto “comunidArte” realizámos uma entrevista com o Tiago Filipe Lopes, que participou neste projecto em várias fases mas essencialmente foi uma enorme ajuda durante o processo da concepção a nível estrutural e de planificação e posteriormente durante toda a construção do objecto no largo do Intendente. A entrevista procura saber qual a perspectiva geral do projecto por parte do Tiago Lopes:

Que mais valias trouxeste para o projecto, tendo em conta a tua experiência na área da Arquitectura?

Tiago Lopes: A importância do meu trabalho neste projeto focou-se na busca de um modelo construtivo eficiente que respondesse a ideia que o Diogo Afonso criou como objeto. Este projeto foi fundamental para por em prática os processos de aprendizagem construídos ao longo destes anos de faculdade com a particularidade de ser um projeto a uma escala real, representando um desafio em todos os sentidos.

Qual a tua perspectiva geral do projecto, nomeadamente a fase relativa à construção do objecto?

Tiago Lopes: Quando damos escala aos projetos, as técnicas construtivas implicam uma sabedoria mais concreta do que estamos habituados a ter em escalas mais pequenas. Uma maqueta resume-se a x-ato, cola e cartão nas maiorias das vezes, com este projeto já envolve um estudo mais complexo no que toca ao comportamento da estrutura nos momentos de tensão e flexão, ao manuseamento de ferramentas maiores e à reação do material escolhido como pele ao ser aparafusado à estrutura. Todas estas questões juntas com o tempo cronometrado para a finalização, tornou tudo um risco eminente, o que deu uma certa “pica” e seriedade. No geral e olhando para o que foi feito, a experiência foi bem conseguida e produtiva.

Relativamente às vivências e dinâmicas que observaste relacionadas com o objecto, destacas algo em especial?

Tiago Lopes: Este “objeto” teve definitivamente um impacto a nível antropológico no largo do Intendente e nas pessoas que usam o largo. Desde o posicionamento da primeira estrutura até á forma final, deu uma nova dinâmica aos fluxos das massas,

oferecendo dois enquadramentos completamente diferentes. Dos mais tímidos aos mais curiosos, todos eles interagiram de uma maneira com o objeto namorando-o com olhares, dicas, perguntas ou até mesmo com as próprias mãos e sabedoria na construção do mesmo.

O que gostarias de ter feito mais neste projecto "comunidArte" e que possa ter ficado por fazer?

Tiago Lopes: A minha opinião mais sincera é que tudo o que havia para fazer foi feito, tendo em conta a equação tempo/dinheiro/experiência/eloamizade.

Redes Sociais

Durante a fase de construção do projecto no largo do Intendente foi criado um facebook para o projecto, servindo como um diário gráfico e de divulgação de actividades diárias: *https://www.facebook.com/comunidArte-926579134080394/?fref=ts*